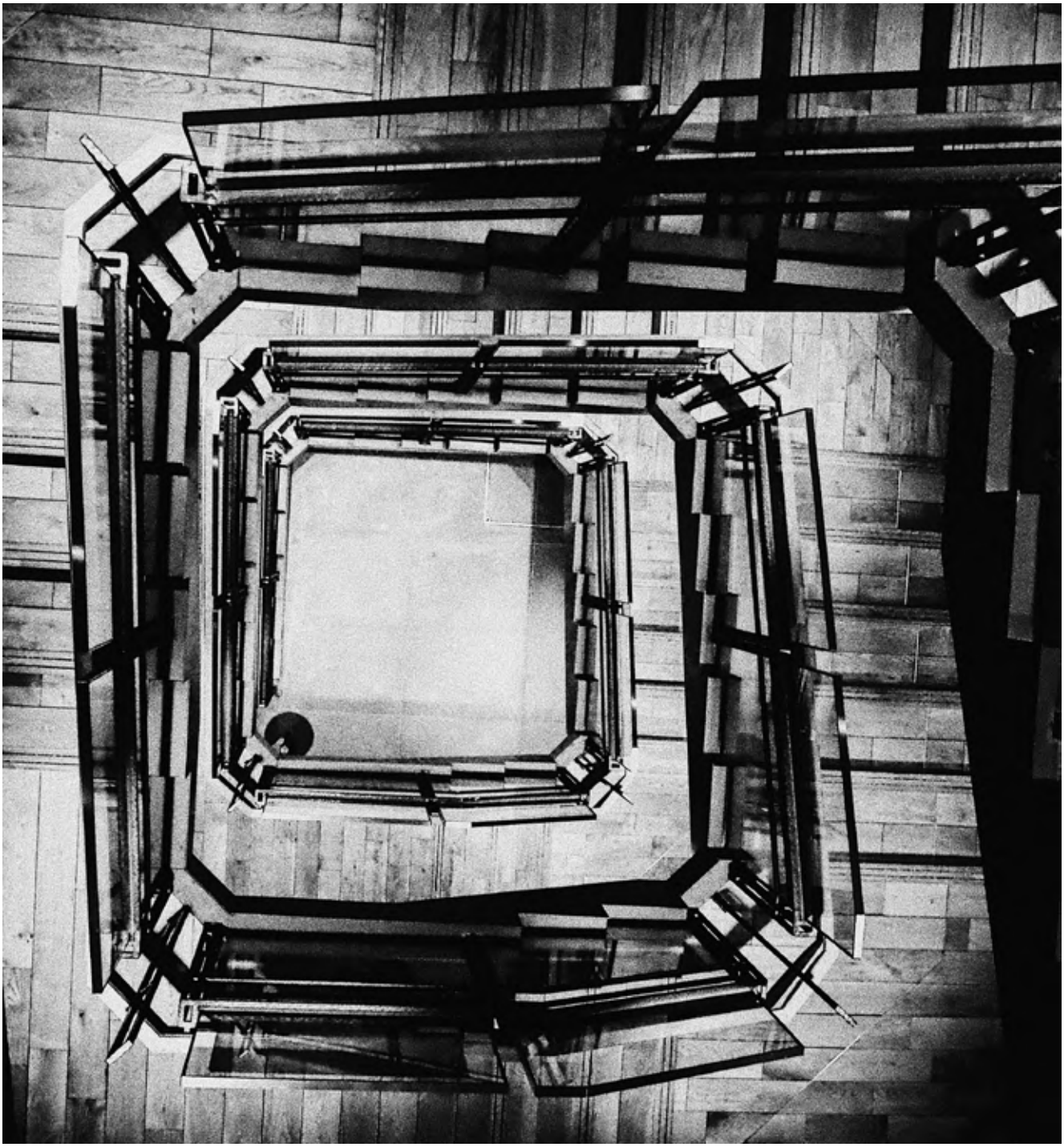
PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 25
ANO 3
JUNHO/2021



Eduardo Mahon
Editor Geral

EDITORIAL

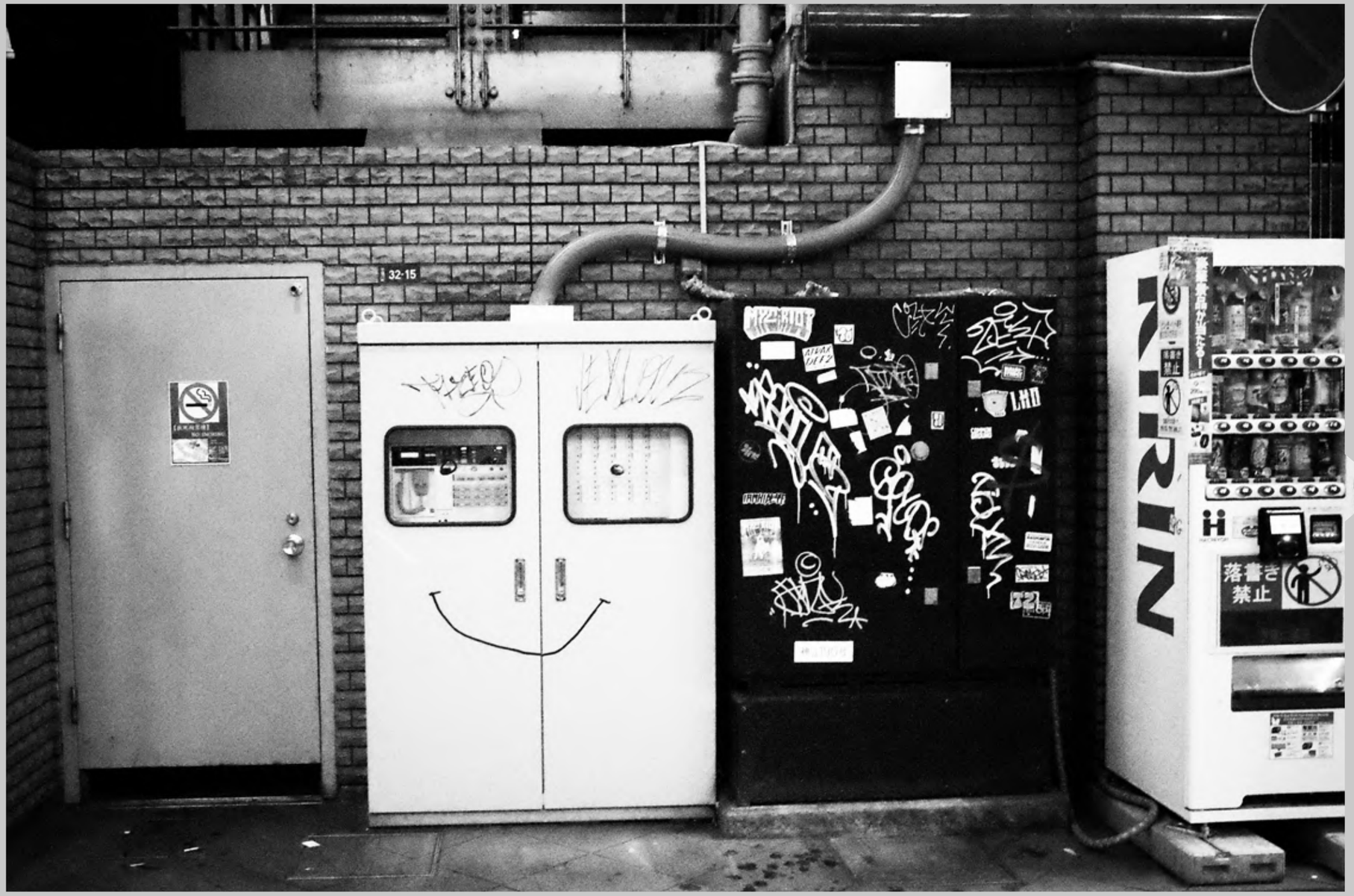
O pior que podemos fazer para a literatura nacional é dizer o que ela deva ser. A crítica brasileira colocou essa camisa de força nos autores desde as primeiras críticas publicadas nos jornais. Na época, ditava-se a pauta da nacionalidade. Era essencial que os autores se descolassem das letras portuguesas. A manobra só poderia ser realizada com sucesso se o texto dedicasse integral atenção à descritividade geográfica, aos acentos locais, aos costumes interioranos e, talvez, rumasse pelas veredas linguísticas regionais. Com os antolhos da crítica engajada, os escritores incumbiram-se na ingrata tarefa de mateiros, narrando as picadas em meio às selvas amazônicas, atravessando pantanais mato-grossenses, caatingas cearenses e campos gelados do sul.

Por isso mesmo é que a literatura brasileira precisa compartilhar com a crítica a responsabilidade de ser como é. A crítica impôs uma ortopedia moralizadora, temática e estética aos autores do século XIX, fundando uma escola da recepção condicionada. O que é nacional, alfinetava Machado, não precisa estar adstrito à descrição pitoresca. O bruxo do Cosme Velho, no entanto, foi voz isolada. Os intelectuais que pretendiam a independência literária foram sucedidos por intelectuais que se colocaram contra imperialismos de toda a ordem. Tudo num curtíssimo espaço de tempo. Não houve tempo para outras discussões de outros temas. Ao nativismo indianista, seguiu-se o manifesto regionalista e o modernista, sempre buscando uma refundação mítica de um Brasil profundo e autêntico.

Por todas essas razões, estaria correto Antonio Candido ao afirmar que a literatura brasileira é fraca e pobre? Ou seria apenas um preconceito de um positivista tardio? Há quem diga que Candido estava contaminado com o complexo de vira-lata, tão comum às culturas que olham para si mesmas com pincenê estrangeiro e passadista. De outro lado, há quem o apoie e diga, sem pudor algum, que a inversão de valores no Brasil é tão radical que se costuma aplaudir o que é, em toda a parte, considerado ruim. Estamos diante de uma perplexidade, considerando que há duas posições conflitantes: o abuso da cor local seria um ato de resistência ou um exotismo descritivo para saciar o gosto do público que se concentra nas grandes cidades?

Tudo indica que a polêmica ficou sem conclusão porque o alvo mudou. Uma boa parte da crítica mira outras pautas, mas prossegue com a ortopedia ideológica sobre os autores. Ser contemporâneo seria explicitar uma posição política no texto, ou melhor, fazer do texto uma oportunidade para reposicionar o leitor, dando-lhe instrumentos para discernir o que é certo do que é errado. Não basta que os enredos cotejem a notória desigualdade, mas que concluam e prescrevam, responsabilizem e julguem, identifiquem e condenem os culpados. De certa forma, não conseguimos escapar do atoleiro funcionalista que premia com reconhecimento um novo tipo de naturalismo.

Olhos de viajante, olhos de médico, olhos de jornalista. A narrativa brasileira está centrada no olhar, não no refletir. Enxerga aspectos externos porque tematiza o cenário, o que é possível ver a olho nu. O mergulho psicológico é um déficit constante na nossa produção, pressentia Machado o que, mais tarde, Candido explicou. Parece que é a alma brasileira é rasa e, por isso, não compensa mergulhar nas angústias, depressões e contradições que formam a nossa psique. Nada mais equivocado. Do meu ponto de vista, o sistema de premiação simbólica estabelecido pela crítica nacional induz os autores a continuar fugindo dos ambientes interiores. Esse novo engajamento é tão pernicioso quanto o antigo. Uma literatura do dever-ser, em geral, não será.



SUMÁRIO

2 Editorial
6 Olga Maria Castrillon-Mendes
8 Adilson Vagner de Oliveira
10 Adriano Espíndola Santos
14 André Siqueira
16 Aparecido Carmo
18 Caio Augusto Leite
20 Carlos Silva
22 Dante Gatto
26 Edson Flávio
28 Eduardo Mahon
32 Everton Barbosa
34 Francisco Donizete Alves Jr.
36 Henrique Souza
38 Janet Zimermann
40 Jaqueline da Silva Oliveira
42 Jéssica Iancoski
46 João Bosquo
48 Jorge Bazzo Axkar
54 Tadamasa Iguchi
56 Leo Almeida
58 Lorenzo Falcão
60 Lucas Lemos
64 Lucinda Persona
66 Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida
68 Mardson Soares
70 Marta Cocco
72 Matheus Guménin Barreto
74 Nyll M. N. Louiê-Alicê
76 Odair de Morais
78 Oluwa Seyi Salles Bento
80 Pablo Rezende
82 Sammis Reachers
84 Stefanie Sande
88 Thiago Costa
90 Walesca Cassundé
92 Maristela Carneiro
94 Claudia Zortea
98 Anna Maria Ribeiro Costa

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon

Artista Visual Convidado: Tadamasa Iguchi

Colaboradores desta edição: Olga Maria Castrillon-Mendes, Adilson Vagner de Oliveira, Adriano Espíndola Santos, André Siqueira, Aparecido Carmo, Caio Augusto Leite, Carlos Silva, Dante Gatto, Edson Flávio, Eduardo Mahon, Everton Barbosa, Francisco Donizete Alves Jr., Henrique Souza, Janet Zimermann, Jaqueline da Silva Oliveira, Jéssica Iancoski, João Bosquo, Jorge Bazzo Axkar, Leo Almeida, Lorenzo Falcão, Lucas Lemos, Lucinda Persona, Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida, Mardson Soares, Marta Cocco, Matheus Guménin Barreto, Nyll M. N. Louiê-Alicê, Odair de Morais, Oluwa Seyi Salles Bento, Pablo Rezende, Sammis Reachers, Stefanie Sande, Thiago Costa, Walesca Cassundé, Maristela Carneiro, Claudia Zortea, Anna Maria Ribeiro Costa

Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba

NUM PESCAR DE OLHOS

Olga Maria Castrillon-Mendes
É professora do Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, dos Programas de Mestrado Profissional em Linguagem/PROFLETRAS e Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/PPGEL/UNEMAT. É Sócia Efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres e da Academia Mato-Grossense de Letras; Líder do Grupo de Pesquisa "Questões históricas e compreensão da literatura brasileira" (CNPq/UNEMAT/2002). Integra os Grupos: RG Dicke de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso (CNPq/UFMT). É autora de Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso (Cuiabá: EdUFMT, 2013) e Discurso de constituição da fronteira (www.unemat.br/publicações/e-book, 2017), além de artigos em periódicos e coletâneas nacionais e internacionais.

NOVOS/VELHOS ENFRENTAMENTOS

Em tempos de crises, o alimento para o que temos de mais humano sobreleva a matéria e a forma escolhida para dizer. Não o que dizer, mas como dizer. Esse movimento, tão fecundo quanto conflituoso, está posto no campo literário da produção contemporânea, principalmente, se observada pelas assimetrias. Pelas diferenças, o mapa cultural se transforma e se completa. É preciso, portanto, ver sem paixões, o que ficou apagado pelo processo de constituição histórica e cultural. O maniqueísmo social, potencializado pelas redes sociais, tem polarizado o diálogo, dificultando pontos de vista alternativos e, paradoxalmente, calando vozes.

A efervescência literária, como a que vivenciamos em Mato Grosso, através do coletivo escritores/editores, está a criar um possível e salutar mundo leitor, pelo menos se colocado frente à diversidade de plataformas disponíveis. Perguntar nesse contexto, se informamos literatura ou formamos leitores, ou, ainda, se há métodos para se ensinar leitura, movimenta revisão dos conhecidos paradigmas de ensino de literatura e das exaustivas questões sobre métodos e técnicas de formação do leitor comum, aquele consumidor direto da produção cultural.

Focados nessa relação, os mediadores suam frio quando o assunto é o texto literário. A literatura é exercício de liberdade, momento em que o leitor se transforma, na mesma linha de apropriação, em produtor, também ele voltado à recriação, com maior ou menor grau de identificação fabulação/mundo particular. Certamente, não é um processo novo, mas tem sido reacomodado diante do fortalecimento das dicotomias e da necessária revisão de modelos tradicionais.

O que seria, então, rever os velhos paradigmas e as novas abordagens temáticas? Será preciso abandonar a forma que aprendemos a ler? Exageros à parte, mas sistemáticas atitudes revisionistas são colocadas diante da própria prática. O que se tem internalizado passa por maturação em variados lugares teóricos e metodológicos. Entre o ritmo acelerado do que é fabricado/vendido/comprado (e pensado) e a opulência das novidades, muito é descartado para dar lugar ao novo. As tecnologias trouxeram rápidas mudanças nas relações de produção e de consumo. As ideias se polarizam e, talvez, tenhamos que atentar para a antiga metáfora da prática de jogar a criança fora com a água do banho. No propósito de nos livrarmos de algo secundário ou considerado ultrapassado, perdemos o essencial.

Adilson Vagner de Oliveira
É professor na área de Linguagens do Instituto Federal de Mato Grosso, Campus Avançado Tangará da Serra, fez mestrado em Estudos Literários pela UNEMAT e doutorado em Ciência Política pela UFPE

DESEJOS PELO CIMENTO

Hoje eu acordei com saudades,
mas não cheguei a chorar,
tive vontade de me sentar à beira de seu túmulo,
abaixo de um sol vingativo que pudesse me queimar,
que pudesse fazer sulcos profundos na minha pele.

Para que soubesse que ainda sofro,
mas é sempre muito pouco comparado à sua dor final,
este mês de novo desejei partir também,
sei que não lhe encontraria, mas agilizaria meu fim,
somente assim poderíamos nos igualar novamente.

Nada em vida evitou nossas dores,
que seja então pelas nossas mortes distantes,
ainda que apenas deixemos de existir universalmente
e nossos corpos secos cessem de produzir palavras,
seremos dois vizinhos separados por muros baixos.

Meus demônios me rodeiam todos os dias,
insistem em trocar algumas palavras-convites,
uma hora eu sei que eles me vencerão,
não tenho defesa para o que sejam capazes de fazer,
eu me descobri, surpreendentemente, fraco e de fácil domínio.

Cada um sabe as dores de carregar seus mortos,
os outros seguem suas vidas de trabalho e impostos,
eu finjo aceitar a rotina cinza dos restantes,
organizo meu caos da mente e do corpo,
tento controlar os desejos pelo cimento.

Adriano B. Espíndola Santos
É natural de Fortaleza, Ceará. Em 2018 lançou seu primeiro livro, o romance "Flor no caos", pela Desconcertos Editora; e em 2020 os livros de contos, "Contículos de dores refratárias" e "o ano em que tudo começou", ambos pela Editora Penalux. Colabora mensalmente com a Revista Samizdat. Tem textos publicados em diversas revistas literárias nacionais e internacionais. É advogado civilista-humanista, desejoso de conseguir evoluir - sempre. Mestre em Direito. Especialista em Escrita Literária. É dor e amor; e o que puder ser para se sentir vivo: o coração inquieto.

DEUS DO CÉU!

O cheiro impregnava o lugar. Não era bem um cheiro de carniça – por eu ter morado perto a um matadouro, sei o que é isso. Era, de fato, um azedume entranhado, uma gordura repugnante que se alojava no céu da boca, nas narinas; em todo o corpo. Eu fui forçado a estar aí. Talvez uma sina; uma maldição. Com todos os meus defeitos, nunca imaginei sofrer tamanha aflição. Não me faz bem lembrar; mas, para aquietar a leitora, falarei sobre o meu calvário: era uma manhã de sol, dia 7 de fevereiro de 2018. Acordara com a presença do astro rei me puxando da cama dura – na comunidade parece raiar mais cedo; parece determinar ação na vida grossa do povo trabalhador. A luz atravessou a minha face amuada, cansada, de uma noite mal dormida, e me fez levantar. Não teria escolha, de todo modo, porque às cinco e meia em ponto a caminhonete do senhor Arnóbio passava para recolher a gente que vai trabalhar na carga e descarga dos gêneros alimentícios frescos. Devemos chegar cedo, como diz o homem, "para pegar o 'ouro'; para garantir as vendas". Descíamos, em média três ou quatro, rumo à Ceasa, para recolher os cestos que o senhor Arnóbio escolhera, nas negociações que fazia com os produtores. Segundo o mestre falava, era eu o "encarregado", o que inspecionava o trabalho dos colegas. Para isso, nem um tostão a mais; mas, para não ser injusto, digo que o patrãozinho liberava algumas boas frutas e verduras para eu levar para casa. Na verdade, eu acabava distribuindo uma parte com os colegas de batalha, porque não achava justo sair com aqueles pacotões e eles sem nada. Pronto, abarrotados na caminhonete – uns por cima dos outros; ou saindo pelo ladrão –, uma D20 caindo aos pedaços, seguimos para a Feira do Bairro de Fátima, que ocorre sempre às quartas. Lá, encontramos mais um bocado de gente, o Alcides, o Tonho e o Miguel Arcanjo, que de anjo não tem nada; os ditos vendedores. Cada um com uma garganta de arrebentar fácil qualquer vidraça. As senhorinhas, as mais velhas, passavam com as mãos tapando os ouvidos; penso que isso assustava a freguesia, mas, enfim... O meu serviço ali estava quase terminado,

porque teria de organizar os produtos nas respectivas barracas. Sim, o senhor Arnóbio era dono de três boas barracas, as mais sortidas; com a maior e melhor variedade. Eu gostava de trabalhar com o senhor Arnóbio, pois ele nos pagava em dia, no máximo tardava dois dias, até "apurar o dinheiro", argumentava. Não era muita coisa, mas tinha um negócio que chamam de dignidade, um troço que nunca havia sentido. Em casa, menino, falavam que eu não ia dar para nada; que era um "condenado"; que seria uma "bucha de canhão do crime". Tudo isso saía da boca de minha mãe, a pessoa que eu mais amava. Ela era amargurada, viúva, com três filhos para criar. Como não dava conta, como passávamos boa parte do tempo nas ruas, o meu irmão mais novo, que vivia doente, foi levado pelo pessoal do Juizado de Menores, e entregue a outra família. Não sei onde ele está; se perdeu no mundo – ou se achou. Só sei que dona Firmina, a senhora minha mãe, perdeu todo o gosto pela vida – o pouco que tinha – e desandou na cachaça e na devassidão. Ela teve um mal súbito e morreu. É o que sei. Fui eu quem cuidou do meu irmão do meio, e disso me orgulho. Perambulávamos pela cidade, para encontrar comida, para achar algum canto para a dormida. Passamos quatro anos assim, até achar uma dormida decente, no lar Menino Deus; eu já com dezoito anos. Arranjei uma ocupação de faxineiro de um hospital. Essa, sim, foi uma fase difícil; ficava contando os minutos para sair, para encontrar o meu irmão, porque o trabalho era literalmente uma bosta. Voltando ao principal, ao que a leitora quer saber: na saída do bairro, para pegar a condução, fui abordado pela polícia. Os homens me arrebentaram contra a parede, mandando que eu "não me bulisse". Fizeram o desagrado do "baculejo", de arrancar os ovos. Pediram meus documentos; dei, desconfiado, a minha identidade. Um dos PMs perguntou se eu não tinha vergonha de andar com um documento assim, todo estropiado. Eu tentei dizer que fui várias vezes ao posto para renovar e, não me deixando terminar, levei uma coronhada. Atordoado, caí ao chão e o mesmo homem me mandou que ficasse em pé... e me deu mais um chute na boca do estômago. Fiquei sem fôlego e perturbado. Quase desmaiei. O outro PM era mais tranquilo, mas não fez nada para impedir a agressão. Levantei-me com esforço, segurando a barriga, enquanto eles consultavam o meu nome no sistema. O PM disse que eu estava em cana, que o meu nome (José Oliveira Silva) indicava que eu estava com mandado em aberto. Fui ao IML e depois para a delegacia. Lá, sem falar com ninguém, fiquei logo preso, com três meliantes, numa cela que cabia no máximo um e meio, se fosse gordo. O policial proferiu, entredentes, arrastado, que eu poderia ficar calado e que teria direito a um advogado. O advogado custou a chegar, veio no final do dia, e disse que daria um jeito. Mandaram-me para uma audiência, que confirmou o decreto: roubo seguido de morte; uma porrada de anos na prisão. Baixei direto para o presídio. Ninguém quis me escutar, nem o advogado. Com dois meses e meio, o meu patrão foi me visitar; e disse que não acreditava naquilo, que isso era um erro grave. Ele mesmo pagou um outro advogado para mim. Vai-e-vem, sendo ameaçado pela ala do pessoal do tráfico, que pensava ser eu o tal do José Oliveira Silva que eles conheciam; que devia um grana medonha. Prometeram me matar. Aí, o milagre aconteceu, o novo advogado descobriu que se tratava de um tal de homônimo; um cara que teria o meu mesmo nome e, esse sim, tinha praticado o crime. Processo, juiz, testemunha, advogado, vai lá, vem cá, e, finalmente, com um ano e meio me soltaram, por dois motivos: provaram que na hora eu estava trabalhando e, com as fotos do criminoso, comparadas à minha, não teria nada a ver. Por que não fizeram isso antes? Meu Deus do céu, sofri demais; já estava com um pé na cova. Perdi um ano e meio da minha vida, por um erro do Estado; por um erro da minha cor; pelo erro de ter nascido pobre, sem costas largas. Voltei, no ato, a trabalhar com o senhor Arnóbio, que me confidenciou que, se não tivesse molhado a mão de um e de outro, o negócio não tinha andado. Eu disse a ele que não era para ter feito isso, que podia sobrar para ele. Ele retrucou, muito convicto: "Tenho uma multidão que me sustenta, meu filho!". Disso, eu entendi que tem as costas largas. Não é problema meu. Relatei que, em agradecimento, trabalharia de graça para ele, o quanto ele quisesse. Ele não quis. "Não carece, rapaz!". Estou, agora, tentando retomar o fôlego, pois o papoco foi grande. Deus do céu! Dai-me forças para viver nesse mundo injusto!

André Siqueira
É poeta residente em Jacareí, interior de São Paulo. Colaborou nas revistas Acrobata, Subversa, Mallarmargens, Ruído Manifesto, Gueto, Aboio, entre outras. Publicou de forma independente dois livretos, e em 2020 seu primeiro livro de poesia As Manhãs Fechadas (editora Gataria) foi lançado. Cursou a faculdade de Letras, sem concluir, e participa de eventos, oficinas entre outras loucuras literárias.

RETROESCAVADEIRA MODELO 2021

a retroescavadeira barulha os ouvidos
voltados para a obra da prefeitura
com seus homens equipados
de mãos jovens e meia-idade
librando tédio e má catadura
no tripé de máquina e membros
caçamba pernas estabilizadoras
canivete suíço braço lança pá
cabine carregada de nervos
lá um confinado cava
morosamente a rua sobre pobres
terras poeira pedras um feldspato
na movimentação esquelética
dos funcionários a serviço

a retroescavadeira barulha os ouvidos
mas sei por que não lembramos
da tubulação ou demolição próprias
da retroescavadeira a terraplanar
a vala e seu calcário construídos
à britadeira
porque cavando e mais ainda
escavando pensamos em covas
sob o entulho da morte que trabalha
sem precisar de licença

O PASSANTE

o ferro de passar
passa a vida amassada
assim assada fria
no mal passado sonho
tudo foi pé na tábua
o passado passou
ligeiro que nem vi
o escorredor do tempo
dizendo já furtivo:
o futuro passado
será somente mais
um passo dado em falso

Aparecido Carmo
Natural de Cuiabá, é jornalista e estudante de mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea na UFMT. É coautor do livro “O obituário no jornalismo” ao lado de Paulo da Rocha Dias.

SOBRE PESSOAS E MÁSCARAS

O sinal estava fechado. Seu Cláudio tamborilava os dedos no volante, os olhos fixos no semáforo à espera da luz verde. Já estava atrasado para o almoço com a cunhada e o marido, recém-chegados da lua de mel. Silvia, sua esposa ficou de ir do trabalho direto para o restaurante.

- Porque aquele homem não está usando máscara, papai?

A voz da criança sentada na cadeirinha posicionada no banco traseiro chamou sua atenção e o mais velho viu pelo retrovisor que a filha apontava para fora do veículo, na direção de uma praça onde muitas pessoas aguardavam o próximo ônibus e onde um homem sujo e maltrapilho revirava uma lata de lixo.

De fato, ele não usava máscara e a camisa que vestia tinha um rasgo considerável na lateral, começando logo abaixo da axila direita. As roupas, assim como seus cabelos tinham um aspecto de sujo que incomodava mesmo olhando de longe. Ritinha, menina espevitada de 7 anos, parecia realmente preocupada com o sujeito que nunca vira antes. Para todo canto que ia, levava alguma de suas máscaras de princesas há quase um ano, e sempre ficava surpresa ao encontrar alguém sem essa peça do vestuário.

- Ele não tem dinheiro para comprar, filha.

Respondeu o pai voltando sua atenção para o semáforo que ainda não estava aberto.

- Mas ele não vai ficar doente?

- Ah... pode acontecer.

Disse Cláudio olhando de canto de olho para o homem que sugava as últimas gotas de uma garrafa de suco que encontrou em meio ao lixo.

Uma senhora que passava por ali com o rosto devidamente coberto, mudou a bolsa do braço esquerdo para o direito com desconfiança.

- E ninguém vai dar uma máscara para ele?

Emendou a criança. Não ia deixar o assunto morrer.

- As pessoas devem ter medo dele, Ritinha.

A demora do sinal em ficar verde começava a irritar o motorista.

- Só porque ele não tem máscara?

- Também...

- Que dó, papai. Dá uma máscara pra ele.

O sinal abre finalmente. Seu Cláudio pisa no acelerador e entra à esquerda, em direção ao restaurante.

- Eu não tenho nenhuma sobrando aqui, Rita. E nós estamos com pressa. Lembra que a mamãe e os seus tios estão esperando?

Tentou desconversar.

- Mas e se ele ficar doente?

- Quando nós voltarmos do almoço, eu compro e levo para ele. Tudo bem?

- Tá bom.

Quando saíram do restaurante, entre beijos, abraços e acenos, Ritinha se distraiu com a boneca nova que ganhara da tia Rosa e nem se recordou do homem sem máscara. Também não percebeu que o pai mudou o caminho para não passar por onde estava o mendigo.

Aliás, só sei ser prolixo. Entende agora a minha solidão? É um peso de papel sem papel pra segurar: sirvo a um propósito maior? A sinuosidade é um perigo. Sou rígido pra não morrer sorrindo. A pontualidade me sufoca. Se eu pudesse me atrasar de mim: mas estou sempre aqui. Agora o relógio marca o tempo que só pode ser tempo enquanto não é mais. Sinto minhas mãos se esvaziando de algo que não pude acariciar direito. Aprendi a não me acostumar. Eu que já beijei sua boca que foi já beijada por outro e será mais beijada no futuro: ninguém o primeiro – o primeiro nem sabe que foi o primeiro e ser o primeiro nem é virtude: nem ser o último. Ninguém é ninguém. E todos somos. Então por que ainda penso na sua boca coberta de germes? Amar a carne é tão esquisito. Amar ainda mais o que não nos ama. Ah, a doce promessa de um mundo compartilhado. Preciso fatiar a vida para caber nela? Preciso que alguém me dê a mão pra atravessar a rua? O destino me atropela. Eu me extrapolo mas nunca me fujo. Eu queria não ter visto seu rosto nunca. Ter visto é tornar a ver sempre: a memória me trai. Me inspiro para sofrer: Musas diabólicas. Eu queria escrever o avesso disso: escrever pra esquecer. Luta contra o exaspero de não ter nada pra dizer. É que tenho esperança de ter talento: o talento pra diáspora. Estou sempre migrando. Este texto eu já estou odiando por não ter nada a ver comigo: como me arrependo quando te chamo e já não queria ter chamado porque agora você está olhando pra minha cara e eu não tenho nada pra dizer além do seu nome: aliás, eu sei alguma coisa de você além do seu nome? Seu nome não significa nada. Procurei no dicionário: você nem existe. Como pode me ferir ainda? Suponho que aquilo que não existe é o que mais faz mal. Se eu pudesse tocar seu rosto e saber que sua pele sua e seu coração bate como o de todo mundo. Mas agora essa sua imagem cristalizada: retrato na mesa de cabeceira. Você está mais velho do que era quando posou pra minha câmera. Eu queria te suprimir: e suprimir as frases. Nada sobra. Você não pensa mesmo mais em mim? Eu queria saber que você sofre. Mas seu sofrimento não me livraria de nada. Eu esqueci quem você é. Você não é mais. Nem eu. Então o caminho é sempre perda? Ah, os anos não trazem nada além disso: mais anos. O agora é somente agora: estou me arrependendo de perder a vida? Todos estamos perdendo algo: vou descobrir amanhã que não me serve mais aquela blusa que eu gostava tanto: ou que já não encontro mais aquele anel. Lembrar é uma coisa estranha, não? Como pode existir ainda no coração aquilo que não existirá nunca mais? Eu não sou agora exatamente o que eu disser. Faz tempo que não sinto saudade. Depois passa. E fico assim todo animado pra ir ao cinema e comer hambúrguer e pegar trem ouvindo música no fone de ouvido como se a vida fosse um clipe daqueles que passava na MTV e depois chegar em casa e descobrir que a privada tá entupida e que vou ter que cagar no vizinho e que a vida inteira é uma trama cheia de subtramas e conexões que não fazem o menor sentido. Ou fazem?

Caio Augusto Leite
Nasceu em São Paulo em 1993. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) com dissertação sobre *A Paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. Integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018, na França e na Bélgica, a convite da Universidade Sorbonne. Teve textos publicados nas revistas digitais *escamandro*, *A Bacana*, *mallarmargens*, *Vício velho*, *Lavoura*, *Subversa*, *Literatura & Fechadura* e *Alagunas* É autor dos livros *Samba no escuro* (Scortecci, 2013), *A repetição dos pães* (7Letras, 2017) e *Terra trêmula* (Caiaponte, 2020), além de colunista da revista digital *Ruído Manifesto*.

CLOROQUINA PARA QUÊ?

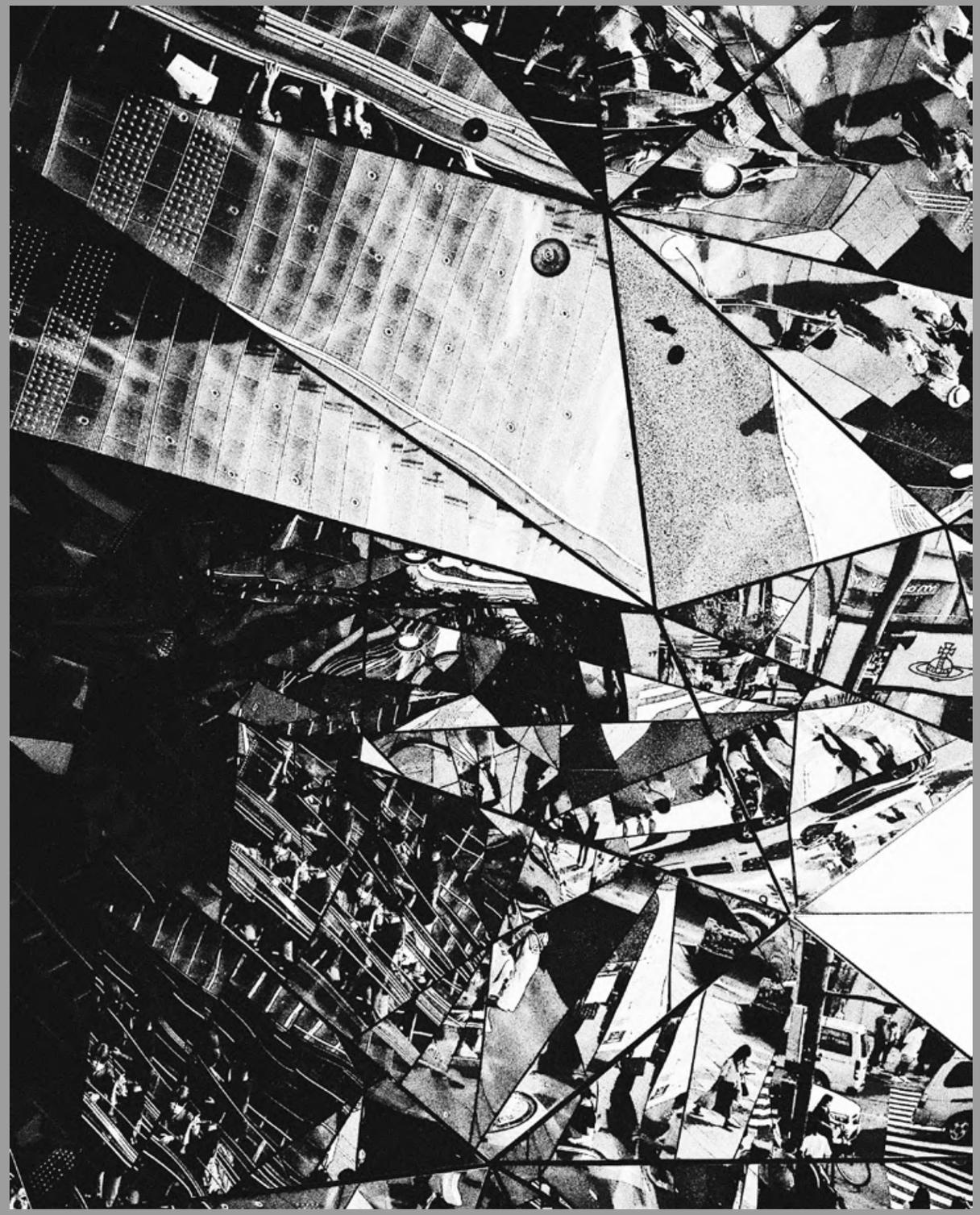
Cloroquina
para dar vida
ao miserável pobre que,
entre os abismos,
'despenca' como a cotação
cujo real não é o dólar

Isto não é – apenas – um poema,
pois o direito ao grito,
regrado pelos pátrios,
saiu pela culatra

E se esvaiu pela boca
de todo um povo
que se vê à margem
da miséria moral

Assumindo pecados
dos quais nem o vento da morte
consegue varrer
para debaixo do tapete
como fizeram
em outrora.

Carlos Silva
Nascido em Limoeiro, PE, sob o sol em Aquário, é professor, escritor e pesquisador. Um dos 109 selecionados no Prêmio Poesia Libertadora (2019), pela Absurtos Editora e participou da Antologia Ruínas (2020), da Editora Patuá.



Dante Gatto
Nasceu em 1957, natural de São Paulo, capital. Foi bancário até 1996. Aposentou-se como Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT. Escreveu peças de teatro: *Os vencidos* (1985); *A noite dentro da noite* (1986); *A Criação literária* (1988); *Amar, verbo intransitivo* - adaptação (1995); *Retorno ao futuro: a semana de 22* (1996) e *A voz do povo: 500 anos de história* (2000). Publicou livros de poemas: *Poesias* (1980); *Unimultiplicidade poética* (2005) e *A Ferida e outros poemas* (2015) e um livro de metodologia científica: Metodologia da Pesquisa (2017).

CATIVEIRO

Quando deu por si já estava imobilizado e com a boca lacrada por uma fita adesiva. A última coisa que viu foi uma tatuagem, talvez um dragão ou um escorpião, na parte superior de um braço musculoso. Era um sequestro, não teve dúvida. Procurou se acalmar. Um cheiro azedo naquele carro, mas que não era de cachaça ou cigarro. Estes odores ele conhecia bem, mesmo combinados: lembranças da infância que vieram à tona de repente quando já desapareciam no passado remoto. Talvez fosse um sinal do fim. Imaginou que os sequestradores pediriam uma quantia que não haveria alguém neste mundo que se propusesse a pagar pela sua vida. Bem, deu para este tipo de pessimismo sob o impacto do medo. Precisava manter a calma.

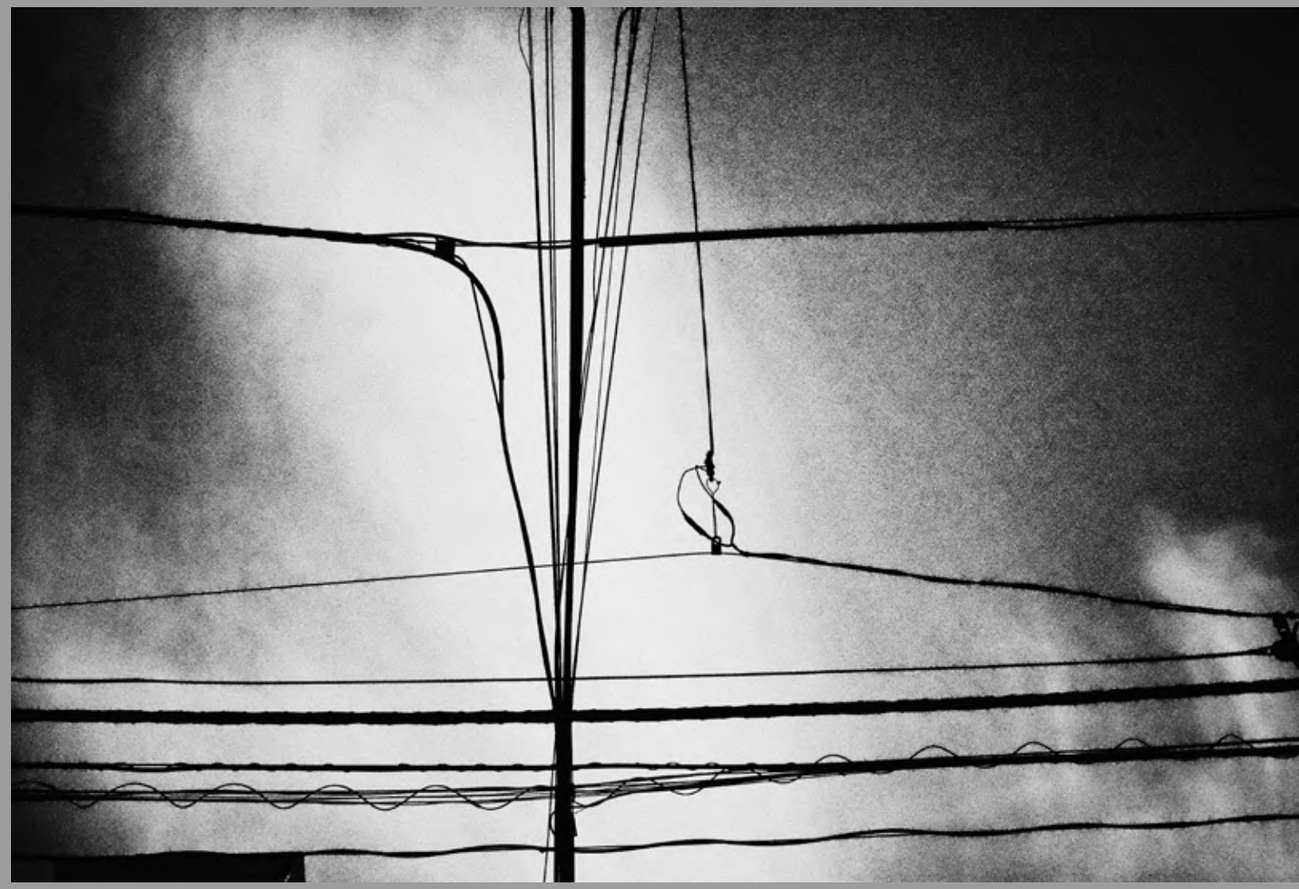
Quando o carro parou ouviu as quatro portas abrirem-se ao mesmo tempo. Alguém lhe arrancou do banco traseiro do carro com desnecessária violência. Não tinha ímpeto para nenhuma reação. Os sequestradores deveriam saber deste fato óbvio, uma vez que até aquele momento demonstraram, digamos assim, muito profissionalismo.

Não entendeu o que acontecia, até se sentir sozinho e poder tirar a venda dos olhos e o adesivo da boca. Tinha mãos e pés presos por correntes como um presidiário. Conseguiu andar com dificuldade, encontrou um interruptor e pode ver – sob uma luz baça – onde estava: um cômodo pequeno, acarpetado, sem janela e com paredes e teto forrados de espuma acústica cinza. Ao mesmo tempo em que lhe veio um impulso de gritar teve a dimensão do quanto aquilo seria ridículo. Curioso que nunca antes se preocupara tanto com a própria imagem. Havia um banheiro, sem portas, com um vaso sanitário e um cano que deveria esperar um chuveiro. Tinha água. Tudo na medida para que não morresse antes do resgate. Encontrou o local da porta, mas não havia maçaneta. Poderiam ter-lhe deixado um colchão. Ficou matutando a razão pela qual não o fizeram, até que seus pensamentos foram interrompidos pela escuridão e viu a porta se abrir por conta da luz que vinha de fora. Agarraram-no com desnecessária brutalidade novamente e foi sedado com uma dolorosa injeção no braço.

Quando acordou não sabia por quanto tempo havia dormido. Lá estava um recipiente de plástico com algumas maçãs. Bebeu muita água no cano do banheiro. Até pensou em comer, mas viu uma barata gorda passeando sobre as maçãs. Voltou a dormir. Acabou por dividir as maçãs com a barata. Gosto e cheiro bastante peculiares. Seus pensamentos tortuosos só eram interrompidos pela rigorosa rotina: o sono contínuo, a porta se abrindo, a sede incontrolável, a dificuldade em tomar banhos, as maças e a barata. Acabou perdendo a noção do tempo, não conseguia mais contar os dias que antes fazia por meio da entrega da maça. Se pudesse, teria se matado.

Rondava-lhe pensamentos sinistros sobre o que estaria acontecendo lá fora por conta do seu desaparecimento. Como estaria a esposa de quem guardava já discreta distância... os filhos, a empresa? Teria alguém seriamente se preocupado com a sua situação? Passavam-lhe pela memória imagens longínquas da mocidade de penúria e vieram à superfície, novamente, muitas lembranças que pareciam sepultadas há muito. Da autotortura pelos pecados irreparáveis e a sensação do fracasso em não ter valorizado o que agora sentia como fundamental passou, paradoxalmente, a experimentar uma enorme alegria de viver. Foi-lhe boa, afinal, a vida.

Não tinha ideia de que hora seria quando acordou já acostumado com o cativeiro. Ao virar a cabeça encostou de leve a testa no recipiente com as maçãs e – apesar do escuro – viu muito próxima dos seus olhos a barata paralisada em decúbito dorsal, agitando as perninhas, tentando se por em pé. Lembrou-se, por conta do cheiro, que aqueles doces que comia quando criança, comprados na vendinha com dificuldade – os momentos mais incríveis e maravilhosos de sua vida – tinham sim cheiro e gosto de barata. Sorriu. Felicidade desconcertante. Salvou, por fim, a barata daquela situação com o nariz. Sim, com o nariz ele desvirou a barata e a viu desaparecer no escuro. Foi quando ouviu o estrondo do abrupto arrombamento da porta. Pela luz que adentrava, com os olhos doendo, viu entre ele e um policial a barata olhando-o com grandes olhos de ternura. Quis falar, mas as palavras não saíram por mais que se esforçasse. O policial, pensando em tranquiliza-lo, sorriu, disse que tudo havia terminado e, acidentalmente, pisou na barata.



Edson Flávio
É cacerense, doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL/UNEMAT) e pesquisador na área de Literatura. É autor de Aldrava (2020) e escreve desde quando descobriu seu amor pela poesia.

DISCURSO INDIRETO LIVRE

Raul não gostava de aniversários. Dificilmente era surpreendido pelos amigos ou familiares. Não gosto e pronto. Não havia nada que o convencesse a ter apreço por estas festas. Mas nem sempre foi assim.

O cheiro de bolo era sentido desde a calçada. Hoje tem bolo da Dona Cida. Será que o Raulzinho chama a gente? Cara, o pai dele vai colocar aquelas músicas de velho, certeza que vai. Os moleques faziam suas conjecturas sobre o tema, as guloseimas e a trilha sonora da festa. Raul ria-se de feliz. Há uma felicidade simples na infância que, com o tempo, troca de nome.

A casa enchia-se rapidamente. Alguém quer suco de acerola? Dona Cida impaciente e afoita com os parentes que não haviam chego e com as coxinhas que pareciam insuficientes aos convivas. Tem empada? Parecia que nunca se agrada todo mundo. Quem agrada, afinal?

O menino divertia-se do começo ao fim. Era isso que importava. Está gostando filho? O pai robusto e orgulhoso exibia o filho como um troféu. Vai ser músico como o grande Raul Seixas. Nesse tempo, todos já estavam saturados de ouvir as músicas do ídolo do Sr. Altemar. Não há outro nesse mundo como Rauzito. Escolhia outro disco para pôr na vitrola.

O pai havia morrido quando ele era ainda adolescente. Você precisa aprender a tocar Raul. Ouvia como um ressoar todas as vezes que olhava para o violão encostado atrás do guarda-roupas. O ritual de ouvir músicas no toca-discos repetia-se todos os domingos antes do almoço. Enquanto a vizinhança escutava “Eu nasci há dez mil anos atrás”, o pai sentado e absorto, olhava para o horizonte interrompido pelo no muro de heras mal podadas.

Você tem esse nome por conta desse cantor. Segurava a capa do disco azul com o rosto do cantor estampado numa das mãos enquanto afagava a cabeça do herdeiro com a outra. Raul passou a evitar o violão e os discos após a morte do pai. Silenciou-se por completo. A vitrola emudecida tornou-se uma espécie de aparador velho cheio de bibelôs que ele trazia das viagens que fazia. Conhecia inúmeros lugares, mas evitava viajar para dentro de si. Há memórias que quando desenterradas podem tornar-se grandes demônios do presente. Raul sabia disso.

Não gosto de festa de aniversário.

Todos os anos, enquanto os parabéns são entoados, o rapaz repete isso como um mantra interior. Em meio aos abraços, afagos, comidas e sorrisos, o medo que ronda Raul, como mosca na sopa, não é o medo da chuva, mas o de tentar outra vez.

Eduardo Mahon
43, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.

SINTAM-SE VELHOS

Me sinto passado
Porque, entre outras coisas,
Lembro das minhas aulas de datilografia
E, dos meus vizinhos do condomínio,
Sou o único que sabe quem foi Thales Pan Chacon

Me sinto passado
Porque, entre outras coisas,
Coloquei bombril na ponta da antena da tevê
E, dos meus colegas de natação,
Ninguém sabe quem foi Lídia Brondi

Me sinto passado
Porque, entre outras coisas,
Gastei a ponta dos dedos no discador do telefone
E, na minha loja maçônica,
Não tenho com quem rir das velhas piadas do Agildo Ribeiro

Eu conheço mistérios revelados
Que, com o tempo, voltaram a ser mistérios:
Quem matou Salomão Hayala?
Quem atirou em Odete Roitmann?
Quem era o lobisomem de Roque Santeiro?

Ninguém se lembra da Wilza Carla
Mas eu me lembro
Ninguém se lembra do Mário Gomes
Mas eu me lembro
Ninguém se lembra do Claudio Marzo
Mas eu me lembro

Acho mesmo um absurdo
Ninguém se lembrar do Clóvis Bornay

O passado me fez especialista em lembranças inúteis:
Os discursos de Odorico Paraguassú
Os salamaleques da Viúva Porcina
E até o corpão da Sônia Braga em Dancin' Days

Não tenho vergonha em dizer que sou do tempo
Em que se fazia polichinelo na aula de calistenia
Tomava-se Emulsão de Scott contra fraqueza
E criava-se muque de tanto bater gemada

Nesse tempo, aprendia-se a escala musical no canto orfeônico
Para cantar Frère Jacques nas aulas de francês
Os garotos especializavam-se nas Leis de Newton
Com as machucaduras das sucessivas quedas do carrinho de rolimã
E as meninas ainda lutavam para fraudar a régua do bedel
Que media o palmo regulamentar de joelho onde a barra da saia deveria acabar

Me sinto passado porque não tem valor algum
A minha antiga perícia com as pipas
A exatidão matemática com os balões
O domínio da sutil técnica do bafo
Umedecendo-se a palma da mão para virar figurinhas
E a expertise de faturar as bolas de gude dos adversários inábeis

Hoje em dia, tenho medo de estragar aparelhos delicados
E aprendo com desconhecidos a me conectar com o mundo
Um mundo voyeur que vê o tempo passar e a vida morrer
No qual passarão os filhos e chegarão os netos
Que não se lembrarão de nada, nem de mim

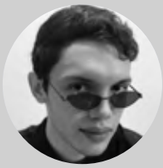
PAPIRO

No Egito
de antigamente
antes do Cristo
antes do Escrito
a trama da fibra
sustentava
finas folhas verdes

Dormitavam
no caule delgado
regado do Nilo
sedimentos
de Áfricas altas
desertas
de certas
origens
não ditas
benditas
desreveladas
de cheio silêncio
preenchendo
o universo
o anverso
da folha afora

Fez-se então
a folha branca
lápide do verbo
livro dos Mortos
e o homem viu
que era boa
pois prendia
o inapreensível
inadvertida ilusão
de saber do som
mais do que os ouvidos

Everton Almeida Barbosa
É filho de nordestinos vindos da região rural da cidade de Pombal, no sertão da Paraíba, para Cuiabá na década de 70. Vive em Tangará da Serra/MT. Nasceu em Cuiabá e se especializou em Literatura, desde a graduação e mestrado na Universidade Federal de Mato Grosso, até o doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais, sendo professor de Literatura na Universidade do Estado de Mato Grosso desde 2006. É também músico. Foi instrumentista e diretor musical da Cia. de Teatro Mosaico (Cuiabá) e membro do grupo vocal Candimba (Cuiabá). Hoje coordena o projeto Corpo & Cordas, de música, poesia e contação de histórias, na UNEMAT em Tangará da Serra.



Francisco Donizete Alves Jr
É escritor e graduando em Letras – Português e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Nascido a 20/02/1999 em Várzea Grande, MT.

CLARK KENT VERSUS GATO DE BOTAS

Isobel saiu da estrada que deixava Novo Paraíso do Norte. Ainda era possível ver as luzes da cidade, ao longe, com um pouco de boa vontade. Ou muita. E olha que Novo Paraíso (do Norte!) crescera. E muito. Já deixara de ser a cabeça de ponte da "Conquista da Amazônia", já não tinha mais o "Clube dos Novos Bandeirantes". As novas (novíssimas?) gerações acabaram com essas referências aos pioneiros; daí a pouco seria inaugurado o Golf Club de Novo Paraíso. Assim mesmo: *Club*.

Houvera sol toda a manhã na fazenda da família Kent, onde Clark se sentia mais forte do que nunca. Sua esposa havia falecido há três anos e ele estava perto de superar o luto. Mary Jane fora especial, mas era hora de seguir em frente. Enfim, na hora do almoço, o galã resolve ir até a cidade de Townsville, comer um hot-dog. Na barraquinha havia uma mulher elegante, trajando um casaco de bolinhas preto-e-branco, que parecia demonstrar interesse em conhecê-lo. A mulher bate com o dedo em seu longo cigarro, para caírem os restos de cinzas enquanto Clark vai até ela. Eles se apresentam: "Olá, me chamo Clark, não pude deixar de notá-la". E a donzela responde: "Me chamo De Vil... Cruella De Vil". Os dois trocam sorrisos e saem para jantar num lugar mais reservado. Após uma noite de provocações e gracinhas, no finíssimo restaurante de Érick Jacquin, Clark se despede entregando seu número de telefone e endereço, pedindo para que Cruella aparecesse a qualquer hora.

Na manhã seguinte, Clark acorda assustado com as batidas intensas em sua porta, levantando-se rapidamente. Ao sair do quarto, mal consegue chegar à porta e sua janela explode em mil estilhaços, um grunhido feroz lhe arranha os ouvidos. Sem pensar duas vezes, Clark lança sua visão-laser em direção à criatura, que desvia e parte para cima do Super, desferindo um profundo arranhão em seu peito. Confuso com a situação, ao mesmo tempo em que se vê muito ferido e com a casa destruída, tentando entender o que acontecera, Clark observa o tamanho da ferida enquanto a criatura se posiciona em cima da mesa da cozinha. Ela estende os braços para baixo e salienta suas garras afiadas, ornamentadas com kryptonita. Com um sotaque espanhol ela diz: "Mexeu com minha mulher, agora lute pela sua vida, seu monte de lixo!". Clark questiona perplexo quem é a criatura, que tira o chapéu e o responde: "Me lhamo Gato de Botas! E usted saiu com minha esposa ontem à noite, talarico de una figa!". "Cruella é sua esposa?" pergunta Clark antes de ganhar outro arranhão do felino, de repente. Com essa tensão no ar ambos se encaram, sabendo que essa será a batalha de suas vidas. Os olhos de Clark brilham num vermelho cósmico, enquanto os bigodes do gato se estreitam firmes. Naquela manhã, a cidade de Townsville conheceria o verdadeiro caos.

SEU LABIRINTO

Do seu labirinto desconhecido
Desejo as verdades dos poros
O flamejante vômito que cura
A vida que brota de suas paredes

Em seu labirinto quero a perdição
Por me jogar em meu próprio abismo
Por não ter medo de suas entranhas
Por ser um homem deverás curioso

Para seu labirinto sorrio um sorriso de águia
Não porque és presa
Ao contrário, me encanto com o coelho de olhos vermelhos
Que habita e protege seu labirinto.

Henrique Souza
Nasceu no ano de 1988, a 17 de Novembro. Fez graduação e mestrado de Filosofia pela UFMT. Já deu aula tanto para o Estado de Matogrosso como para o Instituto Federal. Autor do livro Poemas Sobre a Musa (ou sobre o amor, o vento, a pedra).

ETERNA CARÊNCIA

I

alma expandida
procura ninho
nas ramas das nuvens

mas elas não suportam o peso
da cruz – de aço –
e a devolvem antes mesmo
de ela recostar seu cansaço

só seu corpo denso
sustém seu próprio
universo,

e o de mais alguém

seu próprio pecado
é quem aninha
sua vasta andorinha
[por isso é que sua consciência
perdoa a sua carne

até porque
é seu pobre e escravo corpo
quem lhe defende
do cangaço

e

é ele
a sua própria
redenção]

II

alma encolhida
procura ninho nas ramas
do seu próprio
coração

Janet Zimmermann
É natural de Catuípe/RS e residente em Campo Grande/MS.Tem, publicados, três livros de poemas: 'Asas de jiz' (Life Editora); 'Pétalas Secretas' (Editora Patuá) – vencedor do Prêmio Guavira de Literatura/Poesia/2017; e 'três / poetas / uma / via / : / aldravia' (Life Editora), em parceria com os poetas Paulo Robson de Souza e Sylvia Cesco. Participou de sete antologias brasileiras, sendo que a última, "A Glória desta Morena" (Life Editora), lançada em 25/08/2020, é uma coletânea de contos organizada pela escritora Sylvia Cesco em homenagem à memória da grande Maria da Glória Sá Rosa. Tem poemas publicados em: "Mallarmargens", "Amaité", "Recanto das Letras", "Pensador", "Confraria do Baixo Belô", "Isso é MS" e colabora com as revistas "Pixé" e "Piúna"/UBE/MS. Está em "As Mulheres Poetas na Literatura Brasileira", projeto do poeta Rubens Jardim, e nas listas "Poetas do Rio Grande do Sul" e "Poetas de Mato Grosso do Sul" no portal de Poesia Ibero-Americana Antonio Miranda. Administra o blogue literário 'Polyantho' e, além de escrever vários livros, faz trabalhos de revisão e formatação de textos literários. É filiada à União Brasileira dos Escritores de Mato Grosso do Sul.

SOLIDÃO

Hoje pela manhã
Acordei com uma dor no peito
Aquela dor tamanha
De apertar a garganta
Deixar sem fôlego
E com vontade de chorar

Abri a janela
O sol estava a brilhar
Uma luz radiante
Tocou-me os olhos a lacrimejar
No entanto, a dor não foi embora
Voltei a deitar

Que tamanha solidão
Tomou conta do meu ser
Eu vejo o mundo trancafiado
Ninguém pode abraçar
A gente ama de longe
Se encontra pelo celular

Tô doente de saudade
Os meus mortos eu não posso enterrar
Tô depressiva
Fumo um cigarro, bebo cerveja
Só quero gritar
Choro abraçada à solidão

A monotonia do dia
Me engole a cada hora que passa
Eu olho para o relógio
Ele parece não andar
Parece cansado
Exausto, como o homem a trabalhar

O dia terminou
Ainda estou na cama
Faço companhia ao travesseiro
Enrolo-me nos lençóis
Adormeço
Amanhã haverá de ser um outro dia.

Jaqueline da Silva Oliveira
É graduada em Letras/Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Atualmente mestranda em Estudos Literários, também pela Universidade do Estado do Mato Grosso. Sua pesquisa consiste em comparar obras de duas escritoras africanas, a poeta angolana Alda Lara e a poeta moçambicana Noémia de Sousa, com intuito de desvelar a produção literária dessas mulheres em um período em que, tanto Angola, quanto Moçambique demostravam insatisfação com o totalitarismo implantado pelos colonos, e como estas mulheres usaram de suas vozes para denunciar e resistir a ditadura dos portugueses. Pesquisa também sobre feminismo, relações de gênero e a condição das mulheres negras na sociedade.

Jéssica Iancoski
É escritora, poeta e artista plástica. Publicou em várias antologias e revistas, nacionais e internacionais. Teve o poema "Rotina Decadente" reconhecido pela Academia Paranaense de Letras, aos 16 anos de idade. É idealizadora do Toma Aí Um Poema - o maior podcast lusófono de declamação de poesias, segundo o Spotify - com mais de 40 mil ouvintes diferentes, ao longo do tempo. Nasceu em Curitiba em 1996. É formada em Letras pela Universidade Federal do Paraná e em Psicologia pela PUC do Paraná.

ADVÉRBIO

a palavra é avermelhada
talvez carnívora e pouco reflorestada
vale mais extirpada
da terra do âmago
e do ventre esmirrado dos homens

a palavra é servida crua e explorada
ao pé de mesas de paubrasília
maracutaia estripada
estrupício estropiado

solimões, urucum,
cachaça de jambu
colorau guaraná
buriti pupunha
pirarucu tucunaré

a palavra é tinta genocida
e des-mancha facilmente o advérbio
pororocas levantando sangue de verbo
jorrando brasis sem modo,
com intensidade, lugar e tempo
e demasiada negação des-matada,
macunaíma desvairada.
ÚLTIMAS NOTÍCIAS DO BRASIL E DOS BRASIS

a terra vai se rebelar
as florestas precisam ficar em pé"
diz cacique Raoni

carnaval de pandemia
tem praias cheias,
vejam fotografias

: tambaba guarita tabatinga
imbé moreré tupé
curuípe xangri-lá camburí
maracajaú taipu embaú

a doença não existe
afirma turista no litoral sul

é só soja e boi soja e boi
é só soja e boi
funai é ruralista

Aruka, último do povo Juma
morre vítima da pandemia
em Xingu ação de imunização
na base Diauarum
campanha antivacina nas aldeias
preocupa liderança indígena

turismo cai
banhistas batem recorde
trocam blocos por praias lotadas
evitam máscaras e
não massacres

"quando a árvore fica em pé,
faz sombra e fica frio
faz sombra e fica frio"
fica frio.

nadar nadar nadar
e morrer na praia na praia
e nada e nada
aglomeração piara
futuro incerto paira sobre vidas
e idas à praia à praia
pegar jacaré genocídio
presidente de biquíni
topless
e morre o índio.

NÃO É UM CANTO, É UM LAMENTO

criam boi em terra indígena
plantam soja em área ilegal
desmatam até a última pena
tiram o couro do solo animal

é uma pena é uma pena
é uma pena, um vendaval,
um coro, um lamento de aves
no desmatamento tropical

Ararajuba Arara Arapará
Japim Japu Juriti-Pupu
Saurá Suiriri Surucuá
Udu Urubu Uirapuru

É só soja e boi soja e boi
É só soja e boi soja e boi

— garimpo ogro é o agro —
negócios.
PRELÚDIO

Amerindío — Incêndios
Genocídio — negócios

Além de rimas, vítimas
Prelúdio para o fogo. —
o rogo o rogo o rogo

Ayuru Amary Amapá
Aguapé Anamí inajá
Macaúba Maniva Ubá.

é a logo é a logo é a logo
— garimpo ogro, ogro é
o agro é o agro é o agro

IBIAPINA

No ibi há Macaba
Emburi Indaiá

Guirá que pia
Não é só sabiá

: tem Jacu Macuco
Maritaca Tangará

vida com mais potira
se não fosse Ibiapina

é uma pena é uma pena
a Ibiapina a Ibiapina
a Ibiapina

RADICAL

só há terra indígena
tudo é do índio

palavras são do índio
terra é do índio
canto é do índio
brasil é do índio

ídios- não há
só há índios

indioleto indioma
indílios indiovidual
indiolatria indiotipo

: tudo é índio-

SACHÊS POÉTICOS

No empório literário
Comprei três sachês poéticos:
Um haicai, um poema livre
E outros catorze versos de um soneto...

Em casa, por preguiça
Misturei tudo num bule só
E poeticamente sozinho
Bebi o chá com medo
De queimar a língua.

BULAS E RECEITAS

Li todas as bulas dos barbitúricos
Anotei os sintomas colaterais
Analisei os prós e contras
Antes de postar a carta no Correio

Antes de todas as receitas médicas
Já tinha decidido, isso é fato
Deixar de escrever proparoxítonas
Em poemas desprovidos de nexo.

CARDÁPIO POÉTICO

A poesia chegou embalada em marmitex
O poeta e assim como o leitor, famintos
Não deram tempo do poema apurar
Como esganados engoliram as palavras
Frases e rimas sem mastigar ou saborear

A poesia, embora consumida
Sem degustação, sem refinamento
Tem o mesmo conteúdo
Os mesmos valores calóricos
Se consumida suavemente e elegância

O poemário gastronômico descreve outros pratos:
Poemas, sonetos, poemetos e quadras
Não são apenas marmitas... Há lanches
Saladas, sobremesas e cafés
Aos mais diversos sabores e salivares poéticos.

João Bosquo
poeta, jornalista e licenciado em Letras/UFMT - publicou o livro Abaixo-Assinado (1977), em parceria com L. E. Fachin; Sinais Antigos (1981), Outros Poemas (1984), Sonho de Menino é Piraputanga no Anzol (2006), Imitações de Soneto (2015) e Seleta Cuiabana (2019); participou das antologias Abertura (1976), Panorama da Atual Poesia Cuiabana (1986), A Nova Poesia de Mato Grosso (1986) e Primeira Antologia dos Poetas Livres nas Praças Cuiabanas (2005); com Abdiel 'Bidi' Pinheiro Duarte editou o alternativo NAMARRA (1984/86) e coordenou o projeto POETAS VIVOS (1987/88), da Casa da Cultura de Cuiabá.

Jorge Bazzo Axkar
É cuiabano, nascido em 1990. É advogado graduado no Mackenzie-SP e mestrando em Antropologia pela UFMT. Fotógrafo ocasional. Poeta e letrista quando o querer reclama (ou vice-versa). Já se aventurou no teatro. Gosta de um samba.

ESTURRICO

Xô falar um negócio pro sinhor: homi nenhum se faz peão de verdade só por montar em riba do cavalo, dar umas 'vortinha ansi' e laçá uns baguá meio manso. Isso é cena!

[Tudo barriga verde esses azia! Tudo berola. Só sabem é cozinhar o galo.]

Ainda mais pra essas bandas de cá.

Aqui o homi é forjado debaixo do sór. Na base do esturro da onça. A fibra e a coragem de um homem é medida com base nos esturricado de onça que ele já ouviu no meio do matagá. E de como ele reagiu. Corre pro cê ver...

Já ouviu o esturrico da onça? É um negócio que sai da boca do bicho, avoa nos ar e quando chega no ouvido da gente, a gente ouve é com os pelo do braço. Percorre toda a espinha. Sobe e desce. E vai até as ponta dos pé e dos dedo.

Mas eu falando assim pro ceis, ceis não vão ter noção do que que é de verdade não. Só vendo mesmo pra saber, só sentindo os choque que dá. As eletricidade tudo. Não carece muito de explicação.

A primeira vez que isso se sucedeu comigo bem de perto foi quando eu era gurizin. Teve outras também, mas quase sempre se escuita mais de longe, vindo ecoando - como que som do mato mesmo - junto com jacaré e os pássaros. E das prosa que os compadres contam na volta da lida.

Mas dessa vez aí de eu menino foi bem ansi: eu saí um pouco mais do descampado, pra modo brincá com os Aracuã que se grupavam na beira da represa. Ficava de mutuca assobiando e jogando semente de carandá no lado deles só pra distrair. Coisa besta, coisa de curumim.

Naquela época lá tinha uma queimada do cão destruindo e atrapaiando tudo.

Uns par de campo verdinho ficou tudo preto, as casca de árvore parecendo carvão de braseiro. Tinha controle não.

Os fogo ia se espaiando sorto de modo que as pintada foi se desembrenhando das casa dela e se achegando nas casa nossa pra arruma o que comê.

A senhora minha mãe ficava me alertando pra não saí muito do currá mas eu não dava ouvido não moço. Guri cê sabe como é.. Tudo embirrado, despelhotado..

Então rapaz, tava eu lá né. Miudinho, gurizinho.. Só o pau da goiaba.

Todo jacú, amontoado no capão, rindo das trapaiada dos bicho, inocência pura.

Quando seu moço...

Deve ter sido nem o tempo que uma fruta madura se sorta do pé e estrambucha no chão. É muito ligeiro.

- Só que também parece que os segundo passa devagarinho, e a gente consegue prestar atenção em tudo. Os detalhe se abrilham nos olhos nosso. -

[- Já vou terminar patrão, tenha um cado mais de calma. De que que vale passar por um sufoco desse se não puder contar direito pro cê?? -]

Veja lá, nessa rapideiz toda que te falei, nessas meiada de meiada de segundo eu senti uma baforada aqui no cangote da nuca, ouvi como um respiro. Virei pra trás, vi a bicha lá: em toda a sua glória e esplendor – magnífica (a bicha é canhana memo).

E a danada vai chegando que você nem se apercebe...

Ela olhou pra mim bem nos zóio, entrou dentro da alma minha, e deu um esturrico que dizem que se ouviu até lá no Barnabé. PAI DO CÉU! Mãezinha saiu trupicando lá do fundo de casa, derrubando a bacia das roupa tudinho, os Aracuã saiu tudo avoando e eu, eu parecia que um raio tinha caído em cima da minha pessoa.

Só que é aí que cê vê quando o cabra é bão mesmo. Eu fiquei parado, firme. Não mexi nem os zóio, nada. Medo eu senti, não hei de negar pro cê. O coração bateu na boca. Mas eu aparentei calmeza. Não tinha o que fazer, eu nem sabia. E nem adiantava saber também. O proceder. Na hora essas coisa tudo fica pra trás. As teoria e tudo. Na hora é você e a danada. Você e o que resta de sua vida na conta de Deus.

Eu fiquei paralisado feito bicho que se faz de morto pra salvar a vida. Tipo estáuta. Lembrei de tudo minhas memória pequena. Mas fui menino-homem, fraquejei não.

Aí o bicho fez “meio que ansi” com a cara, virou de lado e debandou pro seu rumo.

Quando eu vi que ainda tava vivo eu corri duro menino, ‘mais’ duro... Rufei pé!

[Varei é reto. Com força...]

Cheguei no quintal as perna tavam mais mole que furrundú quando ainda tá no tacho, saído do fogo. Mãezinha foi mais braba que a dona onça, e me deixou de molho por uns dias. Sem brincar nem banhar no rio.

Mas aí minha fama já tava feita... Já tinha corrido por tudo quanto é recanto esse assunto e as pessoas tudo falava que Dito Sereno era guri porreta, sujeito-menino de coragem.

Mas ó, eu não me envaideço com essas coisa não. Não sou disso. Sei bem que foi Deus-Pai-Jesus--Nosso-Sinhô que me guiou, teve piedade e livrou eu menino daquele destino. Ou foi a onça, que me apercebeu como filhotim de gente que eu era e pensou que eu não haveria de fazer mal argum, não era ameaça pra ela. E nem armoço. [Haveria eu de ser criado e crescer, como os filhotinho dela.]

Por que você sabe moço, os bicho tem as ética e as moral deles.

Muito homi nem sabe dessas coisas, mas os bicho tudo tem.

[Às vêis foi Deus que deu as idéia pra onça. Às vêis foi um cadinho dos dois: Deus e a danada. Às vêis foi de mim também. Vai saber... Mas uma coisa a certeza tem comigo: humirde eu nunca hei de deixar de ser. A humirdade leva o homi longe.]

もんじゃ
DHC
IKEA
DMM
STARBUCKS COFFEE
TSUTAYA
大盛堂

Tadamasa Iguchi
Guest artist

BIOGRAPHY

Born in 1984 in Tokyo. While working as a manager at a club in Shibuya, started learning design by himself, then worked for a design agency.

In 2007, moved to San Francisco and experienced web intern at btrax Inc.

After moved back to Japan in 2009, became a web director and photographer for a web media company.

In 2012, founded IN FOCUS Inc.

The main fields are creative direction and photography, and also has deep knowledge of digital contents such as web, movie and graphic design.

INSTAGRAM
https://www.instagram.com/tadamasaiguchi/

IN FOCUS Inc.
https://www.in-focus.co.jp/en/

A MORTE ESTÁ DE PASSAGEM

Entediada com a vida urbana, a Morte e sua família resolveram mudar para o interior do país. "Enganam-se aqueles que pensam que a Morte não tem vida própria." Quando chegaram à fronteira com Mato Grosso, ficou impressionada com a maquinaria agrícola e as promoções apresentadas pelo comércio.

- Acho que vou comprar esta ceifadeira gigante que parece um trator. Vai dar para fazer meu trabalho em grande escala e terei tempo de descansar. Quem sabe poderei ir ao cinema. Faz tempo que não me divirto.

Comprou então uma ceifadeira. Ficou feliz porque conseguia atuar em grande escala e se dedicar à família nos tempos vagos.

Depois de alguns anos, sua máquina de morte enguiçou. Mesmo não sendo seu métier, a Morte passou a entender de agricultura, já que alugava a sua máquina aos fazendeiros de sua região de tempos em tempos.

Ao escutar e saber com a prática de seu trabalho o poder mortífero dos agrotóxicos, a Morte resolveu pegar um empréstimo no BNDES e plantar soja. Assim, lucraria duas vezes, ou mais, com sua vocação.

Leo Almeida
Escreveu a novela "Trilogia Mundana", publicada pela editora Multifoco em 2016 e o livro de contos "Quiçaças e Agouros", contemplado pelo prêmio Estevão de Mendonça e publicado em 2021 pela Carlini & Caniato, do qual faz parte o presente conto.

VENTANIA

quando a gente não tem
absolutamente nada na cabeça
a hora mais apropriada
é essa.

sem papel caneta lápis
ou computador à tiracolo
é chegado o momento:
bradar e empinar versos
ao vento.

que se faça o poema
e depois a implacável decisão:
o que fazer com ele!

DOCE VIDA

tacho de cobre fumegando
no fogão à lenha
odores que se espalham
aguçando narinas

colher de pau gigante
rodopia e busca o ponto
contracenando
no crepitar da lenha

remotas recordações
adocicam a memória
infância
a doce vida

Lorenzo Falcão

"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.

Lucas Lemos
Lucas Lemos é nascido em Juína-MT, formado em Letras e Literaturas pela UFMT-Cuiabá, onde é ator e diretor pelo Cena Livre de Teatro. Trabalha como professor, fotógrafo e social mídia na capital mato-grossense. Lançou de forma independente, em 2019, seu primeiro livro de poesias, “Nossa Alegria Triste”.

TERAPIA

- Olá boa noite a todos. Todo mundo já sentadinho, pontuais, muito bem viu? Eu to vendo que tem gente nova, mas não precisam se sentir pressionados a falar. Aqui é um espaço pra gente ouvir, né, refletir e ajudar naquilo que for possível, trocando essas experiências, certo?

Ninguém reage. Todos olham pra baixo e disfarçam, na torcida para não serem escolhidos ou “sugestionados” a abrir a sessão.

- Então acho que a gente podia continuar com você, Pullmann. No seu tempo, sem pressa.

- (respira fundo) Bem, vocês já me conhecem, eu sou o Pullman Integral 12 grãos. O primeiro do pacote. Nem precisa dizer né, dá para perceber que sou menor e mais magrinho. Dei o azar de estar na linha de frente durante a produção e o corte daquela máquina industrial nunca é favorável com pães como eu.

Sentia desde o começo que tinha algo errado. Já durante o transporte, naquele caminhão escuro, eu ouvia coisas muito tenebrosas. E não estou falando das músicas do Léo Santana que o motorista ouvia ininterruptamente. Eram os outros pães cochichando pelas minhas costas coisas como “vai para o lixo” e “papinha de cachorro”, só para citar algumas. Não conseguia entender o que queriam dizer com aquilo. Mas a minha dúvida durou pouco.

Era um balança pra lá na gôndola. Balança pra cá no carrinho. Balança pra lá na sacola, até que cheguei na despensa e, finalmente, em uma linda mesa de vidro.

Uma mesa alta que me deu até vertigem quando fui colocado em cima dela, ao lado do requeijão, de um prato e de uma xícara de café. Me senti bem recepcionado até então, ainda mais ao olhar para a xícara e ler a seguinte inscrição: “você é especial” - provavelmente recebida pelo dono da casa por alguma colega de trabalho com preguiça de escolher presente mais elaborado no amigo secreto.

Eu me sentia especial mesmo. Na ordem evolutiva dos pães, estou no topo. Antigamente era farinha, ovo e leite. Com todo o respeito aos meus antepassados, mas eram pães rústicos, simples. Pães Tony Ramos. Parabenizo a inteligência humana por aprender que, ao misturar compostos tão primários e fazer seu devido preparo, conseguiria obter uma massa quente e nutritiva.

Agora, não tem como comparar com essa linhagem a qual pertenço. Pães Rodrigo Hilbert. São mais de 30 ingredientes. Muitos deles fabricados em laboratório. Tem composto artificial sim, qual é o problema? Preconceito contra transgênicos em pleno século XXI? Sou rico, forte e caro. Mas entrego o que prometo.

Era com essa autoestima que eu estava quando senti aquele barulho no plástico e vi uma mão entrando. Meu momento. Seria massageado por uma faca com aquele requeijão geladinho por todos os meus poros. Uma talher de metal roçando em mim na linha tênue entre o prazer e o corte fatal. Até ser devorado aos poucos por aquela senhorita que aparentava ter entre 30 e 35 anos.

A expectativa não se consumou. Ela me pegou e me jogou em cima do pacote de pão. Em seguida, tirou a fatia que estava logo atrás de mim. Uma fatia maior, cujo tamanho era todo padronizado e com curvas perfeitas as quais assumo que senti inveja.

Não bastou o desprezo. Do alto do pacote, assisti de camarote a fatia "padrãozinha" ser massageada e devorada. Roubando meu sonho. Mais uma humilhação cruel promovida pela fixação humana em torno da estética, das linhas simétricas e das relações líquidas e superficiais com aquilo que elencam como belo. Meu prazo de validade deve ter adiantado em cinco dias tamanho o ódio que senti. Desejei que ela engasgasse até morrer, e fosse encontrada já com o corpo em decomposição para não ter o direito de um velório. Que morresse sem dignidade, da mesma forma como estava me fazendo morrer. A desgraçada ainda me jogou no lixo depois de saciar seus desejos mais impuros.

- Sinto muito. Eu sei como é a sensação de criar uma expectativa de ser consumido, mas no final das contas ser rejeitado. No meu caso, a angústia não foi no começo, mas no fim - disse o 50 ml restante de Brahma Chopp, com ar de tristeza.

- Eu fiquei muito emocionada com o seu relato, sabe? Há anos eu promovo campanhas para conscientizar sobre o preconceito com a minha classe e, no fervor dessa luta identitária, só ouvindo o seu drama consegui enxergar quantos outros também passam pelo mesmo - relatou a Parte Escura da Banana.

A Casca da Uva não segurou a emoção e discursou em pé.

- O que você falou me faz pensar que a nossa vida é uma roleta-russa. Uma missão que tem uma alta porcentagem de não ser completada. Tudo a depender da subjetividade de quem encontrarmos pelo caminho. Quais experiências, ideologias, traumas, doenças e influências vão definir se serei ou não consumida? A leitura de um Leandro Karnal ou o consumo de documentários sobre alimentação será decisiva contra o exemplo negativo repetido à exaustão de um pai e de uma mãe que nos descartam na frente de seus filhos?

A Borda da Pizza fez autocrítica.

- Já foi a hora de lamentar. Peguem o exemplo do alho. Há pouco tempo uma subcelebridade ignorada nos lares. Hoje, após intensa campanha midiática promovida por chefs de cozinha, reality shows e influencers, tempera a imensa maioria das comidas. Será que não é a hora de nos gourmetizarmos? Vamos assistir inertes esse ultraje até quando?

- Bem pessoal, hoje o nosso encontro foi bem produtivo né... Debates intensos, mas precisamos encerrar. Vejo que o Pullman está mais animado com essa acolhida. Na próxima terça, eu convidei a Cebola Frita para ser a nossa facilitadora e falar sobre a dificuldade em ser usada para dar gostinho na carne, mas não ser ingerida por si só. Até mais.

FOLHAS SECAS

E como se trata de coisa pública
realidade costumeira
(perdidos aromas)
não acumulo a imagem
das folhas secas inundando a rua
de onde o vento espalhafatoso as leva
em torvelinhos de incerta poesia
para juntá-las logo mais
num outro sítio qualquer
E descuidadas ali permaneçam
sujeitas:
à demarcação viscosa dos caracóis
à excursão inevitável das formigas
ou às mãos que lhes ateiam fogo.

Lucinda Nogueira Persona
É escritora, poeta, professora e membro da Academia Mato-grossense de Letras. Nasceu em Arapongas, PR, e vive em Cuiabá, MT. Estreou na poesia em 1995 com o livro Por imenso gosto. Publicou, entre outros: **Ser cotidiano** (1998), **Sopa escaldante** (2001), **Leito de Acaso** (2004), **Tempo comum** (2009), **Entre uma noite e outra** (2014) e **O passo do instante** (2019).

Você não sabe o que dizer ou não tem o que dizer?
Ou tem o que dizer e não sabe como dizer?
Ou sabe como dizer, mas não sabe se deve dizer?
Ou sabe que deve dizer e não tem certeza sobre o que quer dizer?
Ou tem certeza do que quer dizer, porém não sabe o quanto deve dizer?
Simplifique: diga o que sente e deixe seu id voar também...
Seja o que for, deixe-o voar...
Porque tudo fica ótimo quando temos a certeza do que queremos.
Não há regras... O espelho do outro talvez não seja a melhor janela para olhar...
Ou a melhor porta para entrar ou sair.

mas poesia voltou
o tempo foi breve
só agora parece assim
porque você toma conta do meu tempo
torna-o longo quando se vai
e breve quando retorna
mas a vida é um hiato
e pode durar cem anos
sem anos
tudo desaparece sem aviso
e pode passar cem anos
sem anos
a vida continua curta
como sempre foi e será
os mitos nos confortam
e desenham jardins
ou qualquer lugar bom
para a imaginação fantasiar
mas essa sempre foi a função dos mitos
então a poesia voltou
e trouxe com ela um hiato
um jardim platônico e mítico
para a imaginação fantasiar
e lá viver ou morrer ou ficar
e pode custar cem anos
sem anos
e sei que tudo o que não sei é simples
e que a vida é leve e promete ser eterna
e pode levar cem anos sem anos mas a poesia voltou

Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida
É professor titular da USP, especialista em crítica textual.

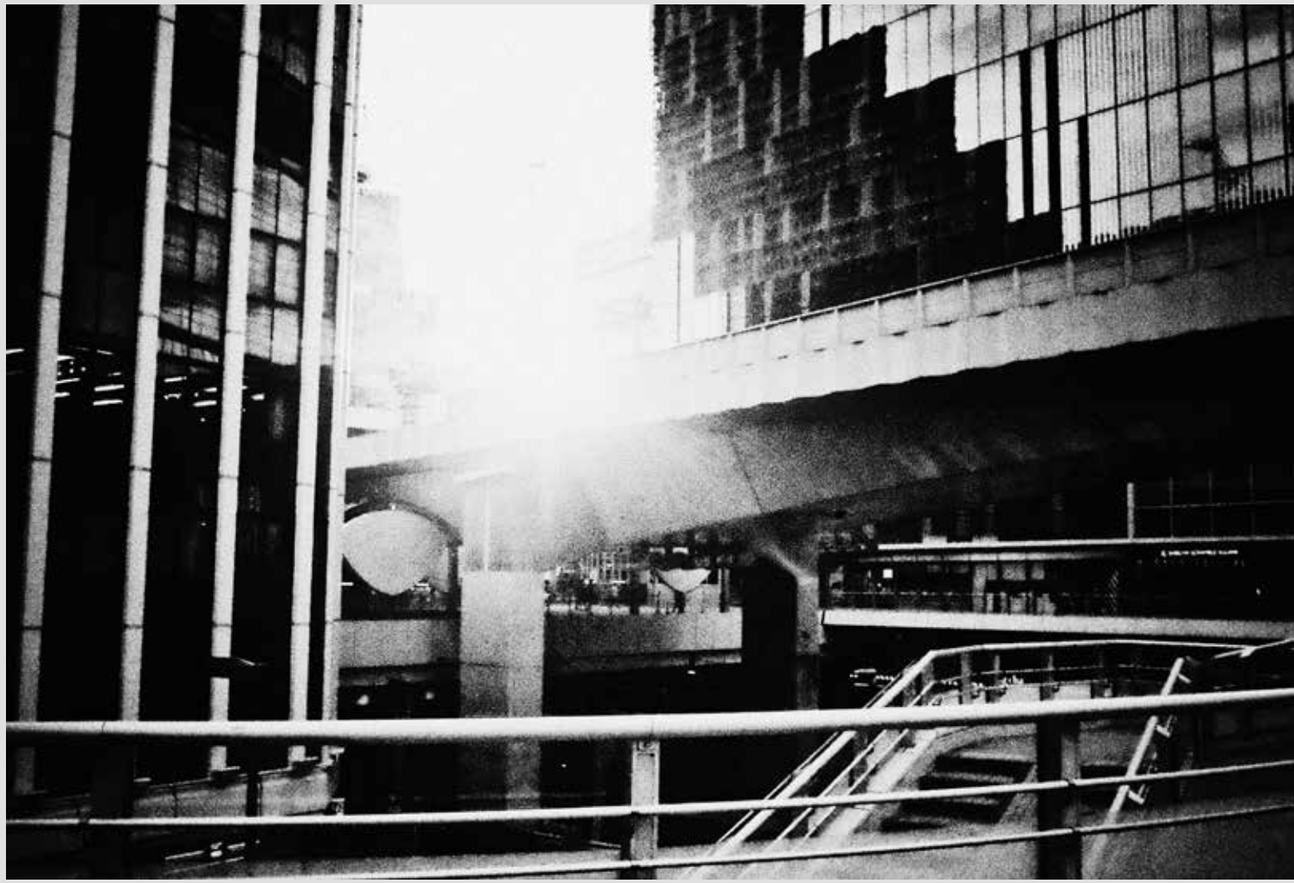
Ficamos desavisados
com as sobrancelhas
aparadas
e os cílios postiços
ausentes.

Não que planejássemos
carnavais
depois de fevereiro
ou fôssemos embora
sem o artificial
da beleza.

A procura por maçãs
nas goiabeiras
não serviu para
mostrar a evidência
do equívoco mais
sincero.

Se julgamos,
mal julgamos nós
o saber onde fica
e se existe
de verdade
a antessala do paraíso.

Mardson Soares
Nasceu em Bom Jesus (Piauí, Brasil), em 13 de setembro de 1992. Diplomado em Direito pela Universidade Católica de Brasília. Poeta e Cronista. Pertence à Associação Nacional de Escritores, sediada em Brasília-DF. Há poemas seus em jornais, revistas e sítios literários do Brasil, de Portugal, de Moçambique e de Cabo Verde.



PRIVAÇÃO

Não há privacidade.
As linhas cortam a terra
em todos os sentidos.

Não há horizontes
para vislumbrar outros planos
e a nossa pequenez se acentua.

Os limites nos cercam
com seus pró e pré
conceitos inúteis.

Não há terra firme.
Nem água limpa.

Como estender a rede
e capturar o sonho?

O que há a fazer é deitar
na lembrança de ex camas.

Marta Cocco
Marta nasceu em 18/09/66 em Pinhal Grande-RS, veio para Mato Grosso em 1992 e atualmente reside em Tangará da Serra. É professora de Literaturas da Língua Portuguesa da UNEMAT, Doutora em Letras e Linguística, membro da AML e autora de 11 livros.

TEMPO

Aquilo que possuo e me possui,
e que, se cerco, ergue cercos outros
em torno aos muros fracos, muros poucos,
que ergui; aquilo que constrói e rui
meu corpo; que já traz numa só mão
meu corpo e aquela morte que é a sua
(se cada corpo nasce já com uma),
meu corpo e aqueles beijos que serão
os seus (se morre sempre sem dar todos);
aquilo, ainda, que me tira tudo
e tudo dá a mim; o que procuro,
mas que me encontra sempre e eu não encontro.
Aquilo, enfim, que dá-me o amor de um homem
de sexo em riste – e nos apaga os nomes.

A mão que arde no arbusto
é a mesma
que arde no sexo do amado é a mesma
que arde na areia e na espuma
a mão que arde no sexo do amado
é a mesma que faz a cama com vagar
entre paredes altas
mais alto o ardor branco da cama feita, apaziguada.
A mão que arde no branco da cama
é a mesma que limpa fezes e a mesma posta contra a luz de relâmpagos
à noite
a mesma que abre o pão é a mão a mesma.

Em cada coisa o vagar, em cada coisa o furor mudo.

Matheus Guménin Barreto
(1992-) é poeta e tradutor mato-grossense. É autor dos livros de poemas *A máquina de carregar nadas* (7Letras, 2017), *Poemas em torno do chão & Primeiros poemas* (Carlini & Caniato, 2018) e *Mesmo que seja noite* (Corsário-Satã, 2020). Doutorando da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade de Leipzig na área de Língua e Literatura Alemãs - subárea tradução -, estudou também na Universidade de Heidelberg. Teve poemas seus traduzidos para o inglês, o espanhol e o catalão; publicados em revistas no Brasil, na Espanha e em Portugal; e integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018 na França e na Bélgica a convite da Universidade Sorbonne.

LUGUBREVEBRUMA

Passa o dia em brava bruma
mas após, das ondas, a escuma,
a sensação lúgubre esparsa
arrebata o meu sorriso de espuma...

E eu vejo um dia melhor
mas a nuvem sem forma nem valor
a minha esperança dispersa
deixando saudade nenhuma...

É breve esse sentimento que a mantém escassa,
a doce alegria que na minha alma está imersa:
mistura de amor, ódio e indiferença; em suma.

Tento outra vez e outrora:
é tua amizade que não me faz ir embora;
e embora seja ela duvidosa
não preme em mim vingança rancorosa...

Mas mais uma vez a nuvem ignora
meu sentido de dúvida com relação à história:
dá o veredicto na sua maleabilidade viscosa
e me traz de novo, arrastado, ao pântano.

É breve esse sentimento que a assola
porém, persistente, ela me isola:
e, cobiçosa, me suga todo o encanto...

E enfim, a tentar a lida, eu tenho a última:
hipótese de escapar a dor que me suplica...
para assinar a carta da condenação
sem usar a rubrica
fazendo plasmar o algoz na vítima.

Mas na sua derradeira passagem,
a nuvem devasta
qualquer cartada que me deixe ação ou saída
e todas as rimas assim desembocam em nada
a apertar mais forte, no pescoço, a corrente...

Essa nuvem, que dispersa, ignora e devasta
é a que meu semblante turva na descida
ao inferno a que esta jornada
me trouxe reincidente:
"Nuvem de breves brumas!
Sabes, assim, muito bem o que me deves:
uma alma material para um copo quente.
E uma Vida, para que nem a morte assumas."

Nyll M. N. Louie-Alicê
É o pseudônimo de Vinícius Dallagnol Reis. Nasceu em Sinop no ano de 1992. Redige poemas desde os onze anos, tendo se embrenhado também na escrita de contos. Suas poesias foram laureadas quatro vezes no Varal de Poesias da Unemat. Outra delas ("Tentação") foi escolhida para a seleção da Vivara Editora no Concurso Nacional Novos Poetas (2014). Em 2018, publicou sua primeira obra, uma breve coletânea de poemas intitulada "Escatolírica Nokturna". Os principais temas de seus textos giram em torno dos símbolos da memória, da noite e da morte: para o autor, portanto, o ato literário significa "dar moradia às lembranças".

a lua dilata
no alto do morro volta
a aula remota

não fala em milícia
faça carícia delícia
malícia ou unfollow

rindo do fantoche
cabelo verde amarelo
só sendo deboche

freme a flama –
o ramo de cânhamo
no vaso esparrama

via algo vago
a lisa pedra de molho
no olho do lago

a chuva precipita
revela na rua de terra
uma grande pepita

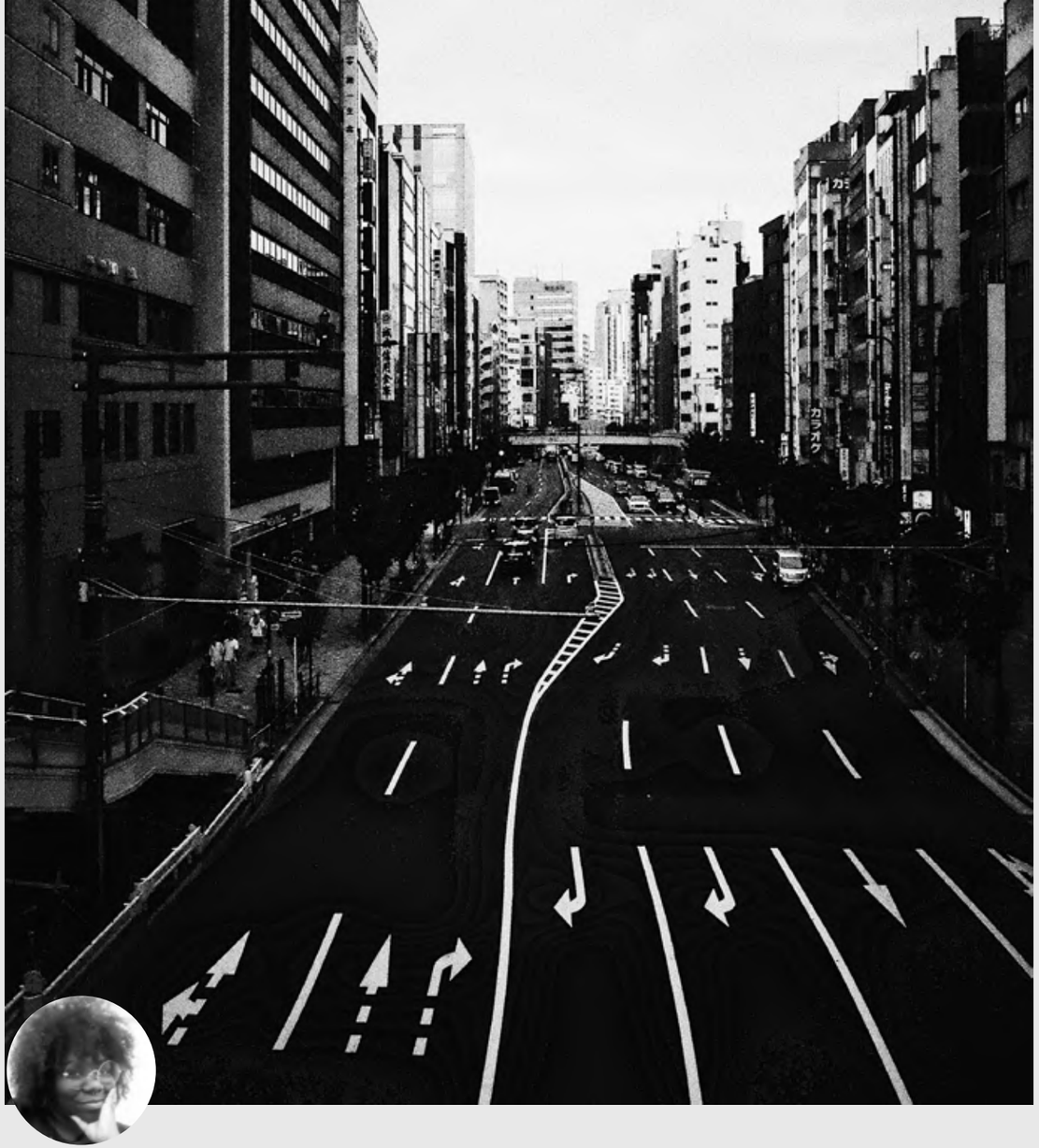
a avó reza o terço
descansa ao ver a criança
dormindo no berço

cuiabá sempre acordada
o calor da sua gente
sabe de cor a alvorada

passeio complacente
o cão e o dono
atados à corrente

alta filosofia
se procura auto-ajuda
a cura é poesia

Odair de Morais
(Ôda), cuiabano, autor de Contos Comprimidos (Multifoco, 2016) e do volume de haicais Instante Pictórico (Carlini & Caniato, 2017).



Oluwa Seyi Salles Bento
É escritora, professora, graduada em Letras e mestre e doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

NOTAS DE UMA COMUNICAÇÃO CUTÂNEA
O QUE HÁ NA PELE DE LUCIENE CARVALHO QUE TAMBÉM HÁ NA MINHA

Na pele (2020, Ed. Carlini & Caniato), da escritora Luciene Carvalho, é uma obra de promessas e realizações que, por extensão, promete e realiza a mim mesma, como escritora, crítica literária e mulher negra nascida no Brasil. Vi, meia dúzia de vezes, Luciene falando sobre algumas dimensões da racialidade e alinhavando essas questões ao desejo de produzir um livro que versasse centralmente sobre ser mulher negra em Mato Grosso, no Brasil e no mundo. Na pele desponta dessas experiências e não poderia ter título mais acertado: seu nascedouro, sua vazão estética, seu grito de celebração, de renitência ou de emancipação se dão na e por meio da pele. E foi justamente na pele que essa obra me tocou.

Em ocasião do encerramento da I FESLINM (Festa Literária Negra Mato-grossense), que homenageou a escritora, pude ouvir, mais uma vez, Luciene discorrer sobre seu mais recente buquê de poemas que, ali, era apresentado ao mundo. Me lembro de sentir um arrepio generalizado pelo corpo quando ela descreveu a obra como seu "maior compromisso". Aquele pré-lançamento de livro, não por coincidência, preambulou o anúncio do resultado do concurso literário promovido pela Festa e iluminou mais ainda um momento de celebração dos sujeitos e das vozes que se desejam negros nos lugares de produção da literatura brasileira.

Antes de ler alguns de seus poemas, Luciene vaticinou que aquele fim de evento era, na verdade, um autêntico início para Mato Grosso, sua população negra e também para os escritores e escritoras premiados e publicados pelo concurso. E eu, provavelmente, sou quem menos é capaz de duvidar dessa predição. Em ambas as categorias, conto e poesia, vi mulheres negras sendo festejadas por suas contribuições literárias, dentre as quais estava eu mesma. Eu e minha pele.

Eu provavelmente não teria tempo ou laudas suficientes para elencar todas as vezes que Luciene, desde que a conheci, três anos atrás, foi capaz de traduzir em sua produção o que minha pele sente e pensa (sim, a pele pensa). Escolho, aqui, contudo, lançar um breve olhar sobre um poema que, ao meu ver, é a mais sincera e delicada conversa entre nossas peles aparentadas.

"Minha África", antepenúltimo poema da seção intitulada "Navio negreiro", é um texto ressensibiliza corpos que podem estar apáticos, mas o faz pelo afago, não pelo solavanco. O pronome possessivo no título e que se repete algumas vezes ao longo do poema não aponta para um retorno literal ou figurativo ao continente: alude, na verdade, a um relacionamento afetuoso e também dolorido com os resquícios de África que os indivíduos negros em diáspora carregam na pele, nos traços, na ascendência de difícil aquilatação... Nessa África fora da África que reatualizamos nas Américas em nossos modos de interpretar o mundo, sentir e viver.

O poema, em seu subtexto, indaga ao público-leitor negro: "que pedaço ou vestígio de África é única e intrasferivelmente seu?". Responder a tal provocação demandaria um percurso de autoanálise e procura íntima que não têm resultados presumíveis. As respostas são múltiplas, como múltiplas são as pessoas negras nos quatro cantos do mundo. Até o silêncio é uma réplica possível, já que muitos de nós perdemos as conexões com a África e, por vezes, nos sentimos presos em um corpo que "não tem remetente/ ou/ sobrenome antigo" (CARVALHO, 2020, p. 44).

Minha resposta por muito tempo foi silenciosa. Hoje, porém, é simbolizada por um desenho que enfeita minha epiderme: uma tatuagem do contorno do continente africano que, há quase 10 anos, fiz no ensaio de um sinal de pertença, uma assinatura. Desde então, "caminha caminha/ essa África que é minha/ e de ninguém mais" (CARVALHO, 2020, p. 45). Lendo e relendo este poema, refletindo sobre os ecos dele em mim, fui amorosamente relembrada por Luciene de que a pele sente, pensa (sim, a pele pensa) e também abriga um tanto enorme de coisas bonitas que, de quando em quando, até rimam.

RETÓRICA

O que sei eu da vida?
O que sei eu das coisas?
O que sei eu da vida e das coisas?
A mim (o) nada me cabe o que não for meu
A mim me cabe a angústia
A mim me cabe a ausência
A mim cabe a saudade
(A angústia do que poderia ter sido
A ausência do que se perdeu
A saudade do que foi).

A mim me cabe as coisas pequenas
Um livro na estante
Um calendário sobre a mesa
A mim me cabe a confusão dos olhares
O peso da pena
A chama da chuva
A mim me cabe o que nunca foi dito
(muito mais do que palavras).

Apaga os versos destes poemas
Esqueça o que foi dito
Não diga nada
As palavras são flores de papeis
Em chuvas de granizo.
As palavras são o que podem ser
Pedra, papel e tesoura
São ilusões que eu mesmo plantei em meus olhos.

Olhos que se veem
(e não se tocam)
Olhos que se cansam
(e não se vão)
Olhos que se chocam
(e não se distraem)
Olhos que se fecham
(e não desatam)
Olhos.

Todas as perguntas são versos
Sementes de um solo poemático
Semeadas no marmore, cultivadas no deserto
Sob a vida presente, sob o tempo presente.

Não apague a luz, não tranque a porta
Troque os móveis de lugar, abra a janela
O que sei da vida e das coisas
Estão aqui Em meu gesto que chora
Em meu verso que sangra
Em meu poema que arde
De angústia.
De ausência.
De saudade.

Pablo Rezende
É filho de dona Ilda, poeta e professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação da Rede Pública do Estado do Mato Grosso. É graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Mestrando em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). É autor do livro O dever e o haver, publicado pela Literata, em 2011. Têm poemas publicados em várias antologias poéticas nacionais e internacionais.

CARTA À CIDADE ENGRANDECIDA

Triturandário
Labirintopia

Indústria encapatória
Saloon dos Emancipados
Grande cabeça-de-ponte-para-trás, retorno ao útero
Caixa rotatória

Skyline das mais altas
empáfias
veneno de rato pra finalizar os pequenos
marsupiais
chamados de empatia

ultraurbe
gestante duma gravidez de risco
cujo parto nunca acontece
mas todo dia quase

o dia todo um susto
saciado a pão e circo e cocaína

(r)efervescência, prostituição
do espaço em esmerada arquitetura
prostituição dos últimos,
teus pilares:

quebra sistêmica da cadeia fraternal
ilha fiscal
solidão arquitetada
fogo frio
heterotumba de LED
dos mortos-vivos
despátria púnica

CARTA À PRAÇA

Acontecedouro
Marco urbano, campo de insurgência
Do matagal

Lugar de apoio
De outros tantos tão lugares

Amortecedouro
Do fluxo antrópico
Canino, felino

Depositário de efígies
Historial da micro-história

Educandário da paz vadia
Grande taba destapada
das aldeias de paralelepípedo e asfalto

Lugar-cratera em meio aos não-lugares

Civilizado maldito depósito humano

Toda urbe é um acidentado, um corpo maculado
de mil ranhuras, fraturas, lacerações
- Praça, esparadrapo estético
Encobrindo da urbe as cicatrizes -

Topofrenagem,
ilha d'oceanos secos que não sangram

Área de praticagem
Do futebol com o ansiado ou inesperado filho
Do primeiro beijo do jogo de damas do primeiro
trago num cachimbo de crack
e noutros tombos da liberdade

Sammis Reachers
Nasceu em 1978 em Niterói, mas desde sempre morador de São Gonçalo, ambos municípios fluminenses, Sammis Reachers é poeta, escritor e editor, autor de dez livros de poesia e dois de contos, organizador de mais de quarenta antologias e professor de Geografia no tempo que lhe resta – ou vice-versa.

Stéfanie Sande
É escritora e doutoranda em escrita criativa na PUCRS, autora dos romances "O último verso"e "Virgínia".

TO THE BOY IN BLACK

You flew so high at an early age
you spend your days performing
on the other side
you are way beyond my reach
the wings I have are metaphorical
in truth they are only these pages
words can not fly but they travel
so they say
who knows

It's pathetic
I'm fully aware
but reader
if you can
please pass this note
to the boy in black
he says it's lonely at the top
I'm still climbing and I know
to get this high It has to be you
flying alone

but let's get to the point

my note

maybe It's best if I draw a picture
so here it goes

It's almost two A.M. and I'm home alone
I live in a winter city now but it's not cold
Vita sleeps behind my computer screen
I can see her tail and her head on Mrs. Dalloway
[another book I'm unashamed I didn't read]
rain was pouring yesterday but not today
pretend it is cause we're romantics on the inside
there's no one else here but the two of us

and by us I mean Vita and me
she's a little cat I found on the street
I haven't seen my family in months
[not even on christmas new year's or my birthday]
I'm wearing a torn oversized t-shirt and my hair pulled back
I wish I could say I look good but just like the rain we'll have to pretend
I also need writing gloves cause I've injured my hand writing too much
I'm the cliché writer of my dreams except not rich not famous not poor
I'm not dying of tuberculosis and I'm not twenty-one anymore
though I did get that damn virus and so far haven't died in this pandemic
It's kind of funny how the writing life can be so pathetic
at the same time it's the only thing that really matters
anyway
two notebooks are filled with poems and notes of the past few days
I confess they also have an embarrassing record of my weight
anyway
I'm trying to organize my scattered letters
I know we have different alphabets but not to worry this will translate
this note is getting a bit long because I need something to forget
just thirty minutes ago I was about to go batshit crazy mad
I wanted to give up
as if I could
as if I haven't tried
luckly I didn't drink wine
I can not throw up on my arm yet another time
so let me finish this long excuse of a letter
hoping things will get better and knowing they won't
It's a spiral it comes back and then goes on
we get dizzy sometimes and that's how it is
and now a quote from a book just occured to me
It says once you get into the desert there's no going back
endlessly wandering we are dreaming in the sand
there really is no reason for loving is there? but we do
so I won't explain this note to anybody but you
maktub

well, reader
if you're still here
please do not forget
if you can then please
pass this note to the boy in black
I think he writes just as much as I do
I hope someday he reads this and feels
not quite so alone
just as I feel
when I listen to his songs

Thiago Costa
É historiador. Faz doutorado em Estética e História da Arte pela USP. Autor de "O Brasil pitoresco de J.B. Debret ou Debret, artista-viajante" (RJ, 2016) e organizador – ao lado de Ariadne Marinho – de "O jardineiro de Napoleão. Alexander von Humboldt e as imagens de um Brasil/América (sécs. XVIII e XIX)" (Curitiba, 2019). Docente do IFMT – *campus* Fronteira Oeste/Pontes e Lacerda.

Pensava em nada, em tudo, coisa alguma, nenhuma, em completo abandono da matéria, condição pura de espírito, habitando regiões extradimensionais, em êxtase, febril, braços trêmulos, pernas trêmulas, de ansiedades, fumava, frenético, freneticamente, em frenesi, camisa aberta no peito, suor seco, cheiro seco de corpo, sangue recente, recém coagulado, mais um na conta. Entrou um quinto de légua para dentro das fazendas de soja, plantações que bordejavam os limites urbanos, evitando a estrada, as distrações, outras mortes. Delirava. Pensamentos obscuros, raciocínio torto, olhar oblíquo. Fragmentos de figurações, realidades fragmentadas, ocas. Manchas acrônicas embargando a compreensão, a lucidez. Como retalhos, intrincados, meândricos, blocos de vácuo. Na distância, banhado pela escuridão morna do começo da noite, divisava o horizonte. Ao redor e adiante, os morros pré-históricos, serras vestigiais de atividade vulcânica, interior de oceanos geológicos, esquecidos no fundo do tempo. Via a cachoeira, sentia a umidade fresca no corpo, composição fluviosa, de coloração leitosa-escura, des-escalando o firmamento, rompendo as rochas máficas-ultramáficas, abrindo passagem desde a origem remota, serpenteando os subterrâneos, pela vegetação silvestre, mata crescida, árvores altas, ornamentais, frutíferas, jatobás, ipês, segmento geográfico próximo da extinção. Ruminações vagas, na indeterminação das coisas. Assim iam, unidos, fundindo-se, pouco a pouco, homem e bicho, o ser, o céu, a serra, o cerrado, como um, o animal e seus demônios, pelo silencioso caminho da névoa. Traçados de luz. Dos postes, das casas. Na indiferença do espaço. Aproximava-se da cidade. Ia pouco aos sítios civilizados. Quase nunca, raramente, só uma vez, ou mais, quem sabe, em idos antigos, recentes, muito antigamente, agora, outrora, no pretérito, no presente. Não lembrava. Esquecia. Eram todos em casa guardados com grande severidade pelo velhíssimo pai, de autoridade suprema, de inquestionável sabedoria, como segredos de nascença medonha, de enorme gravidade, sem permissão de revelação, tal o ocultamento de um crime hediondo, inaudito. Não sabia. Ignorava. Desprezava os pensamentos alheios. Ignorante. Ignorando. Era a mãe, a anciã, reunindo a soma das idades, a decifradora dos enigmas. Falava pela boca de voz única das irmãs gêmeas, Sara e Rebeca. Unidas pelo corpo, costuradas no ventre materno durante os rituais biológicos da concepção, condenadas ao perene ajuntamento. Era a mãe, pela boca indivisível das irmãs, que entendia os silêncios macrobiais do antiquíssimo pai. Mas naquele instante pouco importava, tudo era nada. Não tinha interesse. Interesse nenhum. Queria partir, cumprir seu destino, erigir um novo legado. Após concluir a transfiguração, a transmutação absoluta da massa corpórea, partículas quânticas em contínua interação, conversão de energia em energia, princípios da termodinâmica, a ampliação interminável da consciência, em perpétuo movimento, seria eterno, seria o sem terminação, o imperecível, em uma nova era. Alcançaria então o conhecimento antigo. O esclarecimento superior. Era Belial-Belzebu quem o conduzia pelos caminhos da consumação, pelos trechos interiores de cidade colonial vilabelense, quilombo santíssimo, de trilhas misteriosas, percorridas pelo pai antes de si, e pela mãe antes do pai, e por todos os seus doze filhos anteriores, todos irmãos, no começo da conjugação de tudo que existe.

FÉ CEGA; FACA AMOLADA

Vai embora ano desgraçado! - arrematou Maria com um suspiro após desejarmos a ela um ano novo de bênçãos e paz. A assertividade com que ela se expressou me causou impacto. Tentei contemporizar: - Veja Maria, 2021 já está chegando e tudo vai melhorar. Deus é grande! - Deus?, - ela gritou, e todos os olhos da sala se voltaram para nós; - o mesmo que deixou a polícia atirar no meu filho que estava trabalhando e nunca cometeu crime algum? Senti todo o peso da minha incapacidade diante da miserável condição humana. Como convencer esta mãe que Ele é justo? E discorrer sobre esperança e fé a alguém que perdeu seu filho unigênito tão tragicamente? Olhei em volta e vi as faces se contorcendo em caras e bocas, algumas sussurrando de forma ensurdecedora: Blasfêmia! A fada empática me tomou inteira e abracei Maria - humilhada, intimidada e emudecida; subjugada pelos juízes da fé. Lembrei-me imediatamente de Nietzsche: - o meu Deus está morto!

Walesca Cassundé
Nome literário de Walesca de Araújo Cassundé, cuiabana, residente em Campo Grande-MS. Formada em direito pela FUCMT. Advogada por opção e criminalista por vocação. Poeta por catarse, libertação física e purgação espiritual. Em março de 2017, lançou “Confissões Essenciais”, pela Ed. Gráfica Ruy Barbosa.

CONTEMPORARTE
PAPEL DE PAREDE

Vitrines, telas, projeções, hologramas. Vivemos na maior sala de exposições de todas, a galeria do real, com inúmeros totens que nos afastam de nossas próprias realidades – e das realidades de nossos semelhantes. Semelhantes? Alguns perguntariam. Passamos por centenas de outros seres ao longo de uma breve caminhada matinal, ao mesmo tempo alheios ao que nos torna únicos e providos de identidade.

O ritual da solidão coletiva, uma característica marcante e basilar da existência nas sociedades industrializadas. Será mesmo? Milhões de indivíduos se empilham em pequenas unidades habitacionais para repousar melancolicamente após dias de repetitivo torpor e esmagamento em ruas, feiras, fábricas, estações, transportes, lojas, oficinas, escritórios. Cubículos, de todos os tamanhos, cores, modelos. Entre a rotina e o sono, frágeis antidepressivos: mais um reality, uma ou outra assinatura de streaming, pets, mídias sociais, jogos eletrônicos, álcool e comida rápida, drogas farmacêuticas.

A cultura contemporânea, a cultura das cidades, da tecnologia, das marcas e do consumo têm a pedra de toque certeira para acumular sem agregar – acumulamos pessoas, comidas, acontecimentos, construções. Tudo se reúne e se sobrepõe em sucessivas camadas, às vezes como torres caóticas, às vezes como mais uma pincelada de tinta sobre uma superfície já saturada de revestimentos. Uma arqueologia cuidadosa das pinturas descascadas revela reiterações sutilmente variadas e como tal nomeadas: pré, pós, post, hiper, neo, plus, 2.0.

Assim se renovam pessoas, carros, casas, espiritualidades, brinquedos, narrativas, tão somente como reiterações e releituras, como produtos novos em uma linha, que são capazes de variar sua configuração ao mesmo tempo que se mantêm legítimos para seus consumidores mais fiéis: leais em busca de um-não-sei-bem-o-quê-exatamente, crianças de todas as idades sedentas por distração (ou atenção?), mercados famintos por almas humanas. Acumulação sem agregação, o pior de dois mundos: o tumulto da multidão sem a generosidade e senso de pertencimento que poderia implicar, um tumulto de individualidades, cada uma tentando forrar o entorno de sua desolação monocromática com os papeis de parede que mais lhe apetecem.

Carros seguem simbolizando status, tal como roupas, vitrines e viagens para resorts que jamais serão para todos – de todo modo, fugas de uma realidade que fraciona o espírito, esparramando seus pedaços pelo chão, para mais facilmente atar corpos à máquina, à repetição macambúzia da rotina, ao trabalho, às horas transcorridas no transporte, à mercantilização de olhos, pés e mãos em nome do equilíbrio de certos números em uma tela – uma pintura abstrata referida como "a economia" – aquela que não pode parar e concorre com a vida. É essa carroça que todos puxamos embasbacados e esperançosos, sem saber quem nos conduz ou para onde. Seguimos guiados capitalisticamente como Platão uma vez dissera: aquele que move, mas não cria; aquele que move, mas não é movido; aquele que move, mas nada decide.

Seguimos. Ninguém solta a mão de ninguém, dizem. Mas às vezes mal seguramos nossas próprias existências. A vida escorre pelas frestas. Repetimos continuamente este mantra: nos espremeemos, nos empurramos, pisamos uns nos outros, com licença, sinto muito, foi sem querer, e corremos atrás de expectativas criadas para serem inatingíveis.

Enquanto isso, em meio a todas essas abstrações sociais que nos prendem a um ciclo perene de desgaste e catatonia, uma verdade sensível permanece: a arte, que nos desperta os sentidos, segue sendo a mais bela entre as mentiras. Enquanto a economia, a tecnologia e os outros anestésicos nos alienam de nossa própria humanidade, a arte nos conecta e nos encoraja a buscar nossos próprios entes, nossas próprias paredes, nossas próprias tintas.

Maristela Carneiro
Maristela Carneiro é Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – PPGECCO/UFMT. Docente da Faculdade de Comunicação e Artes – FCA/UFMT, é Mestre em Ciências Sociais e Doutora em História. Co-Líder do Grupo de Pesquisa ContemporArte. Dentre seus interesses, destaque para Estudos de Gênero, Feminismos, Artes e Cultura Visual, Pensamento Decolonial e Epistemologias do Sul.

Claudia Zortea
É graduada em Letras, professora, é doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGEL/UNEMAT.

DE DORES E SILÊNCIOS: O QUE DIZ E COMO DIZ O NOVO ROMANCE DE EDUARDO MAHON?

Publicado pela editora Carlini & Caniato, em 2020, Eles não podem tirar isso de mim é o 7º romance do escritor e crítico literário contemporâneo Eduardo Mahon. A narrativa ligeira, fluida, apresenta uma narradora personagem que compartilha suas memórias da adolescência, tempo conturbado, cheio de dores, traumas, violência, aventuras e cumplicidade. A obra é estruturada em 40 partes curtas, sendo a primeira intitulada "Por que eu conto?" e a última "A cura", quase como uma pergunta e a resposta. Todos os títulos são bem curiosos e mantêm uma relação subjetiva com o capítulo.

A narradora, da qual não se sabe o nome, está num quarto branco, possivelmente uma clínica psiquiátrica, perturbada com seu presente e passado. Desse espaço, sua memória leva o leitor aos tempos vividos, uma parte recortada da adolescência, quando foi morar com os tios, depois de ter perdidos os pais num acidente de carro. Nesse período, a menina dividia-se entre a casa, escola e a rua. Ao mesmo tempo em que lembra, ela faz uma autoanálise, na tentativa de interpretar e aceitar suas vivências, reformulá-las.

Em casa, acompanhava a rotina de um casal decadente, que mantinha uma relação pacata e com poucos afetos, orquestrada pelas obrigações. A tia, resignada, vivia em torno do marido, tratava a menina com afeto, mas não conseguia estabelecer, com a sobrinha, a cumplicidade necessária para alcançar o universo adolescente. O tio era um fumante intenso e leitor assíduo de jornais, "uma estátua atrás dos jornais" (p. 09), mimetizado ao móvel da sala do qual quase não saia de cima, a poltrona. Um personagem que causa profundo asco no leitor ao abusar sexualmente da sobrinha, sem que ninguém soubesse, um segredo confesso pelas memórias da narradora. Algo normal, chegou a pensar na época, numa tentativa de entender o que sofria.

> A maçaneta do meu quarto girou e o tio Alberto entrou devagar. Eu fingi que dormia. Ele não recuou. Sentou-se na cama e passou a mão pelo meu cabelo. Depois me descobriu e colocou a mão por dentro da minha camisola, palmilhando meu corpo até a barriga. Deve ter percebido que parei de respirar. Inclinou o corpo para frente a fim de que a mão chegasse até às minhas pernas. Eu tremia. Ele não se importou. Forçou a entrada e conseguiu meter um dedo em mim. Não consegui gritar. Tinha medo de acordar minha tia. Medo do que ela iria pensar [...] (p. 47)

Na escola, pública, a menina possuía laços fraternais com alguns colegas, com os quais dividia também o espaço da rua, em momentos de descontração e rebeldia. Nenhum dos amigos se encaixava adequadamente à escola "algo fervia" (p. 10) dentro deles, eram adolescentes "difíceis", que praticavam vandalismo tanto na escola quanto nas ruas. Em contrapartida aos atos distorcidos dos adolescentes, a obra explora suas experiências dolorosas. Paulinho, por exemplo, sofria em decorrência da gordofobia e juntava-se à turma para se proteger, Jonas era vítima de violência física doméstica, tinha uma cicatriz acima do olho por causa de uma pancada da fivela do cinto do pai. Marcelo, temido por sua hostilidade e inconsequência, chegou a ir para um reformatório.

Há trechos nos quais a narradora expressa a clareza que ela e os colegas tinham da própria condição de alunos de escola pública. É cortante a revolta dos adolescentes em relação à escola e ao universo ao qual faziam parte. A obra é um painel da sociedade contemporânea e a escola faz parte desse desenho dolorido. Nota-se, no romance, uma espécie de realismo que, na obra, volta-se também para a escola pública, tendo em vista a limitação do olhar da personagem, mas que na verdade aponta para um problema social que culmina no espaço escolar.

> Nunca gostei daquela escola. [...] O lugar era mau. Nas paredes, havia tatuada a raiva de crianças de muitas gerações. Não havia nada ali, além de mesas e cadeiras. Sabíamos que o futuro não alcançaria nenhum dos alunos, nem o Paulinho, que era o melhor de nós. O que fazíamos era matar o tempo. Deixar a vida passar. Ficávamos depositados durante o dia. (p. 16)
> Quem estudava naquela escola já estava reprovado. Uma reprovação diferente, antecipada. Não tínhamos chance. Ninguém sonhava com a faculdade. Paulinho, talvez. Medicina? Que piada. Mas ele queria. Dizia muitas vezes que sonhava usar jaleco com o nome bordado. Paulo Rogério Marques. No pescoço, carregaria um estetoscópio como nos filmes. Por mais que fosse o melhor aluno, não era o suficiente. Nunca era. O melhor daquela escola significava o pior de qualquer outra. (p. 80-81)

Nas ruas de Brasília, a menina e os colegas perambulavam, explorando o espaço livre e colocavam em prática alguns atos de vandalismo. Nesse caminho público, ela encontrou um dos personagens mais curiosos do romance, Caco, um músico decadente e enfermo que foi para Brasília e se apresentava em festas formais, tocando jazz com sua banda. A história de Caco é brevemente contada durante as visitas ao seu esconderijo, um buraco escuro num viaduto da cidade. Os encontros entre a menina e o músico, sem dúvida, são as partes mais fascinantes desta história, pois a amizade dos dois cativa o leitor. Os encontros deles, pessoas feridas pela sociedade, é um alento para ambos, como uma cura.

É nesta relação com Caco, que o romance incorpora um tipo de trilha sonora, a embalar as aventuras dos dois amigos, ao som do jazz que saía do trompete do músico. Compreende-se, nestes enlaces, o título do romance, inspirado numa das músicas que Caco toca, “They can’t take that away from me”, de George Gershwin. Música esta que, por sua vez, estabelece relação de intertextualidade com a obra, pois a narradora entende que sua memória é a única coisa que não pode ser tirada dela, é só sua, intransferível, única e especial. Tanto que ela não externa suas lembranças às pessoas da clínica, porque tem medo que arrancarem isso dela.

Os encontros secretos entre a adolescente e Caco tornam-se parte dominante da narrativa e criam grande expectativa no leitor. É a promessa de que mesmo no caos, há esperança, amizade e cumplicidade. Ela cuida dele e ele, em troca, fala sobre músicas, conta histórias, orienta. Mas, como um leitor de Mahon imagina, os desfechos das obras deste escritor são sempre surpreendentes e nem sempre felizes.

O pano de fundo das memórias narradas e do presente da protagonista é a vida urbana contemporânea, aos poucos apresentada, cheia de dores e caos em seus diversos espaços, ocupados por pessoas marginalizadas e silenciadas. A voz da narrativa é silêncio, pois o que é contado, no âmbito da narrativa, não é dividido com mais ninguém. Há na obra uma angústia irresoluta, de uma mulher que não alcança o sossego final e que ainda tenta a conciliação com a memória, a expressão como cura. Talvez, as memórias ainda não estivessem prontas para sair, e nem saem, pois tudo fica no âmbito do pensamento. Mas elas chegam até nós, e chegam imaturas, numa escrita fragmentada, com frases curtas e com excesso de lições, que chegam a saturar o leitor.

> Quem mora de favores não pede mais favores (p. 59)
> Hoje eu só sei que fugir só é possível se nascer de novo (p. 60)
> Só se vive em paz desconhecendo o que há de pior nas pessoas (p. 62) O silêncio é protesto. Mas é também medo. (p. 64)
> Os homens pensam da mesma maneira. Eles são assim.Nascem para lutar. Os fracos são culpados pela própria fraqueza (p. 66)
> A maldade coloniza. Começa com um pequeno fungo e cresce rápido até chegar ao coração (p. 68-69)

A escola é um ambiente inflexível e incompatível com os jovens personagens, o lar, ao invés de trazer aconchego, traz medo e a sociedade, de modo geral, vai levando aos poucos para a margem os inconciliáveis. Desta forma, o livro causa um mal-estar e tira-nos do conforto ao convocar à reflexão sobre estes espaços nos quais vivemos no dia a dia. Ela faz pensar sobre a dor de uma sociedade, que pode ser a mesma do leitor, ao retratar a violência na escola, nas casas, nas ruas, nos hospitais.

Entre as várias análises possíveis, aponto aqui a abordagem sobre os espaços. O espaço físico é a cidade, a casa dos tios, o quarto branco na clínica psiquiátrica, a caverna de Caco, a escola. Mas existe também uma geografia do ser humano muito bem explorada: o lado de fora e o de dentro, e é justamente esse espaço interno, a memória, que não pode ser tirada da narradora, nem de Caco, nem dos colegas da escola. É possível e necessária uma análise mais aprofunda desse aspecto, considerando a relação entre esses lugares da cidade e os lugares da memória.

Mahon é um dos principais nomes da literatura contemporânea de Mato Grosso, possui mais de vinte obras publicadas. Seu entusiasmo e avidez para escrever são notáveis, um leitor de Mahon tem sempre algo fresco para apreciar. Mas, assim como a “velha” canção apresentada neste romance se mantém significativa, é bom também para o escritor elaborar textos que ultrapassem o tempo e dialoguem de forma renovada com o presente, independentemente se esta foi a pretensão ou não. Quem determina tal vitalidade é o leitor, o crítico, o público. Será Eles não podem tirar isso de mim um destes textos? Se isto acontecerá ou não, o futuro dirá, mas, no cenário do presente, o público tem uma bela obra em mãos.

MAHON, Eduardo. Eles não podem tirar isso de mim. Cuiabá: Calini & Caniato, 2020.

HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER

Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

O FUMO DA CASA DAS ALMAS

Homens da etnia Nambiquara não ficam sem fumo, *etsu*, envolto em folha de samaneira, *yokawisu*. Fumam durante todo o dia, mas, longe da lida, principalmente da caça e da pesca. O descanso, a conversa, a prática de rituais são envolvidos pela fumaça e bafo-rada de seus cigarros.

O fumar quase sempre é interrompido. Raramente um cigarro é fumado de uma única vez. Ao apagarem o cigarro para ser usado mais tarde, guardam-no preso à braçadeira de fios de algodão ou fibra vegetal amarrada na altura do bíceps, para as próximas pitadas. O fumo, depois de cuidadosamente preparado, é armazenado em um recipiente de cabaça, vedado por uma rolha de sabugo de milho. Ainda que raro, não com a repetição amiudada dos homens, mulheres casadas e mais velhas fumam no espaço reservado de suas casas.

É essencial que entre os vegetais cultivados nas roças haja muitos pés de fumo que, outrora, no tempo mítico, originou-se das lêndeas grudadas nos fios de cabelos do menino que se transmutou em plantas úteis e comestíveis.

Para o Nambiquara, fumar nos rituais de cura colocam pajés em contato com espíritos ancestrais e da natureza – seres não humanos e extra-humanos, respectivamente. Seres humanos vinculados a uma forma específica de contato com os domínios da natureza e da sobrenatureza, na consubstanciação do fumo, uma planta xamânica, através do cigarro, aciona a fluidez do princípio vital do enfermo. Fumar também dá ao pajé poderes para afastar espectros de gentes mortas que precisam ir para a Casa da Almas, seu lugar.

O fumo, ainda que usado por todos os homens, é concebido como um dos elementos constituidores da pessoa do pajé. Creem que pajés têm capacidades de cruzar barreiras corporais e de enxergar seres não humanos, até mesmo, manter diálogos com eles. Não somente o fumo, mas a fumaça produzida por ele faz ver o invisível, faz espantar espíritos indesejáveis que importunam o cotidiano aldeão.

Na Casa da Almas, morada para onde vão as almas após a morte, tem quatro pés de fumo, de folhas avantajadas. Certa vez, em um tempo longínquo que não se pode contar, faltou fumo na aldeia. Um espírito, ao ver a tristeza do pajé por estar sem fumar, levou-o até à Casa das Almas. Lá chegando, abriu a porta com sua espada de madeira. Em seu interior, nada havia além de gentes bonitas e saudáveis. Não havia arcos, flechas, cabaças, cestos. Não havia comida. Havia fumo. Havia alegria

PHÉ
REVISTA LITERÁRIA